



BIBLIOTHECA REPUBLICANA DEMOCRATICA

DEDICADA

AS NOVAS GERAÇÕES DE PORTUGAL E BRAZIL

IV

A COMMUNA

DE

MALEMPIS

CONTO POR

ANDRÉ LÉO

Preço 100 réis

LISBOA

NOVA LIVRARIA INTERNACIONAL

96 — Rua do Arsenal — 96

BIBLIOTHECA REPUBLICANA DEMOCRATICA.

DEDICADA

ÀS NOVAS GERACÕES DE PORTUGAL E BRAZIL

III

A COMMUNA

DE

MALEMPIS

POR

ANDRÉ LEO

Preço 60 réis

TYPOGRAPHIA

35 — Travessa do Cabral — 35

Lisboa — 1875

BIBLIOTECA REPTORICA DEGRATUA
HISTORIA
AS NOVAS GRADUACAO DE PORTUGAL E BRASILE

III

de Cidelino Augusto Ferreira



GERAL
e Especial 2199



Tu, Pensamento, não és fogo. És Luz!
Cinturo do Quental

l·x·libris

TEOGRAFIA
Travessa do Comércio — 22
Lisboa — 1875

...deu-lhe deviam milhetes e vassouras
...escolhidas por todos os homens valhos
...armas de guerra e pedras.
...Mediante este pacto, no qual não falta
...com as assenturas e rubricas do castel.
...cada um dos principes vizinhos, que n'elle
...entram, não revendo da communa a
...título de presente, no dia de respectivo
...aniversario natalicio, um pazo de um
...tado e um ramillete de rosas ou de ano-
...rindo, continue a estada.

Segundo o costume eram um tapaz e
...uma rapariga os encarregados de levar em
...os presentes ao principe cada offeio
...N'um territorio pouco remoto, de pe-
...quena area e que não vem marcado nos
...mappas, existiu uma communa indepen-
...dente de todos os povos vizinhos, a qual
...se governava com leis proprias, em vir-
...tude d'uma antiga constituição.

N'esta constituição era defeso aos reis,
...imperadores e principes pisarem o territo-
...rio da communa, e estatuaia-se, que no caso
...d'elles irem contra o estabelecido, nenhu-
...ma vassoura ficaria ao canto e que todas
...as domnas de casa capazes de pegar em
...armas, lhes fossem no encalço, armadas
...como fica dito; além de que, para maior

cautella, deviam mulheres e vassouras ser escoltadas por todos os homens válidos, armados de fouces e forcados.

Mediante este pacto, ao qual não faltaram as assignaturas e rubricas do estylo, cada um dos principes visinhos, que n'elle entraram, ficou recebendo da communa a titulo de presente, no dia do respectivo anniversario natalicio, um pato bem cevado e um ramillete de rosas ou de azevinho, conforme a estação.

Segundo o costume eram um rapaz e uma rapariga os encarregados de levarem os presentes; ao primeiro cabia offerecer o pato e a segunda o ramillete; as mais das vezes recata a escolha sobre dois nomes que passado um anno, deviam lavar-se.

— Este usança durava ha mais de cem annos, eis segundo a tradição, a sua origem: succedendo que o filho do rei Goufrard andasse em guerra com o imperador Casso-Cou, seu compellido, e que a victoria cobrisse ao ultimo, teve o primeiro de fugir-se no territorio da communa; em casa d'um honrado homem da ha rendido, que da melhor vontade o poz em segurança, salvando-lhe d'este modo

a vida. Entretanto o príncipe consumiu o tempo da hospitalidade, que lhe era concedida, a seduzir a filha do seu hospedeiro. O pai os surprehendeu um dia juntos e como tivesse uma foice na mão ia já descarregal-a sobre o príncipe quando este se lhe deitou aos pés, prometendo fazer tudo quanto elle pedisse.

— Pois então, disse o rendeiro, hade assignar, sem restricções, a alforria da nossa communa e prometter de nunca mais cá pôr os pés, nem o senhor, nem qual-quer individuo da sua raça.

Assim aconteceu. Ora não tardou muito que o imperador Casse-Cou, curado d'uns calculos urinaes por uma boa mulher dos mesmos sitios, não concedesse uma graça egual, de modo que a communa se viu livre dos dois poderosos vizinhos, pelo que se felicitou do intimo; a verdade é que havia muitos seculos que estas poucas geiras de terra eram espizanhadas pelos soldados dos dois príncipes, nem que ellas fossem o chão d'uma eira; havia muitos seculos que os soldados faziam alli os seus combates e que infeccionavam a população com os seus maus costumes. A communa de Malempis prosperou em poucos

annos. Os habitantes, senhores das suas acções, dispozeram as cousas do modo que melhor lhes pareceu. Para memoria do successo instituiu-se uma grande festa annual chamada a—Nouvelle—, para solemnisar uma epoca, ponto de partida, para elles, uma vida nova.

Como diz a epigraphe do conto, era Malempis o nome da communa, nome proveniente d'uns antigos senhores, que a tinham possuido, consoante os costumes repugnantes dos passados tempos.

Não era outra senão a communa de Malempis que se regia pela constituição de que se fallou ao principio. Succedeu porém com o correr do tempo que o nome se lhe foi corrompendo, pouco e pouco, como acontece nas aldeias, sem que se lhe veja a razão a toda a luz. Não ha ninguem que não conheça os effeitos da propensão para adulterar os nomes, demasiado triviaes, sobretudo quando os nomes são de pessoas e não tardará muito que não tomemos conhecimento com alguns habitantes da communa, cujos nomes de baptismo caíram quasi de todo no esquecimento para serem substituidos pelas alcunhas de Boissansoif, Pingrelet, Gobe-

Lá e Trop-d'Um. A communa succedeu uma cousa semelhante; ao presente dava-se-lhe as mais das vezes o nome de Bien-Arrose ou de Bien-Heureuse, sem preferencia d'um ao outro. Os habitantes da communa chamavam-lhe Bien-Heureuse e sentiam-se felizes de lhe darem este nome; por outro lado o mestre-escola e os escrupulosos teimavam que era Bien-Arrose, ou por outras palavras: Bien-Arrosée, por causa dos muitos ribeiros que havia na communa, derivados alguns do rio e outros dos mananciaes, ribeiros que judiciosamente distribuidos, graças aos disvelos da Junta municipal, não deixavam um palmo de terra sem frescura e fertilidade,

O mestre-escola podia muito bem ter a razão do seu lado; mas tambem a tinham por si os habitantes da communa; tão encantadora era a situação d'esta, tanto havia prosperado e tão bom era viver sujeito ás suas leis. Cada um tinha pelo menos uma casa e um jardim e tinha certo um salario condigno do seu trabalho. Os campos, bem tratados, não podiam dar melhores colheitas, os carvalhos medravam de tal modo que attingiam a altura dos campanarios: as arvores de fructo,

que com os seus ramilhetes brancos, faziam pela primavera a alegria dos olhos, em toda a extensão dos campos, vergavam no outomno debaixo do peso dos fructos; nunca parava a edificação de novas casas, de novos celleiros e adegas, emfim em parte alguma se encontravam crianças mais bochechudas, raparigas mais formosas e rosadas e elegantes que as d'estes sitios.

Os habitantes da communa, tinham, como se costuma dizer, melhor cara que toda a outra gente do paiz e tanto assim que os grandes senhores do reino e imperios visinhos, mandavam assalariar alli amas para os seus filhos; trabalho baldado, sendo os encarregados d'elle despedidos com toda a civilidade.

—Não senhor! muito obrigada! diziam á uma todas as mães, se o leite nos veiu aos peitos foi para sustento dos nossos filhos; se as formosas senhoras não têm leite, talvez que ninguem mais, senão ellas, d'isso tenha a culpa. Não haviamos, é claro, de abandonar os nossos filhos e deixal-os sem mães, para tomar conta dos vossos que não têm quem mereça tal nome.

Ditas estas palavras cada uma cobria

a sua criança de beijos ruidosos e os pequenitos, com as mãos sobre os bicos dos peitos das mães, punham-se a olhar d'esguelha para os desconhecidos que lhes pretendiam roubar a sua propriedade.

Comtudo, dirá alguém, quem é que tratava da communa Malenpis ou Bienheurense, conforme melhor for do seu gosto, visto que não é regida nem por um rei, nem por um imperador? Por ventura haveria entre elles ao menos uma sombra de governo?

Tinham um governo simples como a cousa mais simples: uma junta municipal que tinha a seu cargo os negócios communs, a saber: a escola, a viação, a irrigação, a cultura das propriedades communaes (isto é, de um bosque e de algumas campinas), a hygienne e os soccorros.

A escola era gratuita; os professores d'um e d'outro sexo eram bem remunerados e o seu numero tal que cada um dos alumnos recebesse o ensino conveniente.

As estradas conservavam-se em bom estado, e aonde ellas eram precisas,ahi se encontravam.

A hygiene consistia em ter, conforme o uso d'alguns paizes, especialmente da Suissa, um bom medico pago pela communa para tratar todos os doentes, e uma pharmacia aonde os remedios se vendiam a preços convidativos, quasi por uma bagatella.

A secção dos soccorros pertencia sustentar os orphãos e os velhos sem filhos, ou então aquelles cujos filhos não podiam sustental-os, os quaes eram bastante raros.

O imposto exigido para fazer as despesas que ficam ditas, não excedia cinco francos por cabeça; avaliando em cinco mil o numero dos habitantes da communa; e não havia d'este modo outro imposto senão o que fica dito. É de ver que o imposto era proporcionado ás posses; assim se uns deviam pagar vinte, trinta, ou mesmo cem francos, outros pagavam um ou dois francos e no caso de serem pobres nada pagavam.

E uma vez pago este imposto não era preciso abrir a bolsa para educar os filhos; por excepção só no caso de doença era preciso fazel-o, mas para gastar, ainda assim, uma bagatella; tão pouco se ar-

riscava a encontrar debaixo dos olhos o cruel espectaculo de criaturas miseraveis e ao desamparo. O medico fazia todas as semanas, nas noites dos domingos uma pratica, isto é uma especie de lição muito interessante,—era o tal medico um homem de espirito—sobre o modo de conservar a saude, e ensinava que eram quatro os caminhos para obter aquelle resultado:—o azeio, o conveniente exercicio do trabalho, a sobriedade, a bondade e a justiça, coisas que todas juntas fazem a felicidade do homem.

Agora pelo que diz respeito á administração da justiça, — talvez que isto faça pasmo a muita gente?—saiba o leitor que em Bien-Heureuse não havia nem officiaes de justiça, nem procuradores, nem advogados, nem juizes; tão pouco havia uma policia.

A razão era que, segundo as recordações dos anciãos não havia memoria na communa d'um caso, ao menos, de porta arrombada ou armario aberto com gazua e que do mesmo modo nunca no seu territorio se commettera um suicidio.

Os habitantes de Bien-Heureuse abriram muito os olhos ao ouvirem que nos

outros paizes se commettiam a cada momento os crimes de que fallamos.

—Essa gente, diziam elles, devem sem duvida estar doentes e bem perigosamente, para praticarem tão grandes loucuras.

—Elles pela sua parte, como disfruetyam saude, só podiam conceber duas coisas: o trabalho da semana e os folguedos do domingo.

Por certo que entre os habitantes da communa havia quem invejasse a felicidade do seu visinho e quem, receioso de vir a perder um palmo de terra, não tivesse escrupulos de resarcir umas poucas de vezes as proprias perdas á custa da fazenda alheia. Nem outra coisa era de esperar! Não eram anjos, pede a verdade que se diga, que não passavam d'uns homens, como quaesquer outros.

Tambem umas vezes por outras tinha lugar o ajuste de contas entre duas linguas afiadas, que, chegadas a estes extremos, faziam ouvir certas cousas que a civilidade manda calar. Uma vez porque succedeu ir uma gallinha pôr o ovo em casa alheia, agarraram-se pelos cabellos duas senhoras visinhas, depois de cada uma ter feito saltar a touca da outra pa-

ra o meio da rua. Ao serão contava-se o caso ás crianças como um exemplo dos loucos effeitos da colera e havia o cuidado de accrescentar que depois da briga, se fora dar com os ovos, origem da rixa, feitos em pedaços.

Tambem podia acontecer que uma ou outra pastora em vez d'olhar pelos seus carneiros, se posesse a olhar para a lavra do proximo campo, ou para o lavrador, o que muito bem pode ser, sem reparar que o rebanho tinha saltado a um campo de trevo ou de areia, não era menos possível que os pastoresinholos fossem a cata dos ninhos e deixando os perus, os patos da sua guarda, irem, os primeiros, fazer as coelhitas, e os segundos as vindimas, todos por conta propria, por amor da verdade devo tambem dizer que os rapazes da escola de Bien-Heureuse gostavam de cerejas, de maçãs e de medronhos, do mesmo modo que os rapazes de qualquer outro sitio da terra, e facil de ver que de tudo isto deviam provir prejuizos, e que d'estes haviam de nascer as questões entre os particulares. Contentar todos por occasião das partilhas, que tinham logar na communha, era tambem tão difficil, como n'outro qualquer ponto da terra.

Mas n'esse caso, dirá o leitor, qual o modo pelo qual os habitantes da communa resolviam todas as duvidas? Vê-se a toda a luz que aonde ha duas pessoas com interesses incomparaveis, é indispensavel uma outra para desempatar.

Pois é isto mesmo que se fazia na communa. Havia uma só differença e era que os naturaes de Bien-Heureuse em vez de pagarem por bom dinheiro uma justiça, por dois lados, pelo imposto e pelas custas, e em logar de procuradores e advogados, achavam mais simples escolher d'entre elles mesmos, um ou dois homens honrados, conhecidos pelo seu criterio e pela sua circumspecção, os quaes, depois d'ouvirem os litigantes e de analysarem a questão, proferiam a sua sentença, sempre mais sincera e algumas vezes mais acertada que as dos juizes de profissão.

A justiça era administrada aos domingos, no meio da praça publica, ou por outra, diante de testemunhas sem necessidade de lançar no registo as suas deliberações; porque todo aquelle que negasse obediencia a um arbitro da sua propria escolha, cairia no desprezo geral. Quando a natureza da questão exigisse

que o arbitro abandonasse temporariamente a sua occupação, ser-lhe-hiam pagos integralmente os salarios perdidos, alvitre este que remediava tudo.

O que fica dito e muitas outras cousas que tenho para dizer eram muito boas,—tal é o meu modo de vêr as cousas,—a Bien-Hereuse faltavam porém duas cousas essenciaes: uma d'ellas era uma boa Junta municipal. No momento em que estou dizendo isto, succedia que os seus membros eram ao justo quasi uns perfectos doidos, os quaes por isso mesmo insistiam em conservar os seus logares. Por descuido não se lhes marcara praso para o exercicio da sua auctoridade, de modo que ao presente se julgavam investidos do direito de dirigirem os negocios da communa, para todo o sempre e conforme o seu modo de pensar.

O divertido era que tinham a pretensão de terem só em mira a publica conveniencia e a dos seus concidadãos, dizendo que estes não tinham circumscripção, que não conheciam as proprias necessidades, e que era preciso tornal-os felizes, ainda contra a sua vontade, e ainda que elles não precebessem os meios. Algumas pes-

soas de Bien-Heurense achavam a idéa tão extravagante, que se niram como uns perdidos; outras porém, e estas em maior numero, manifestavam o seu descontentamento, e perguntavam uns aos outros quando acabaria a brincadeira. Entre todos os membros da Junta, havia um unico de bom senso, o tio Lavise, o qual mostrara desejos de se demittir e se conservar no logar só porque os seus eleitores o rogaram para isso, para ver se continha osl outros em certos limites. Lavise despresou pois os seus collegas e dirigia-lhes a miúdo admoestações.

— Quem se atrevera a dizer, dizia-lhes Lavise, que a nascente tem a sua origem no regato? Se sois membros da Junta, deveis o a eleição popular. Se o povo, como dizeis, não tem senso commum, a sua escolha não foi de certo muito acertada, o que não vos deve lisongear muito. Não podeis dizer mal algum do povo, que esse mesmo mal não recaia sobre nossas cabeças, e é impossivel provar que valeis mais que elle. Porventura pode haver questões de precedencia entre um fruto qualquer e a arvore a custa de cuja seiva elle se formou? Pode porventura o pa-

rechiano ensinar o padre-nosso ao seu vi-
gario?

A Junta porem não se importava com as idéas de Lavisé, e continuava no seu modo de vida, o que entorviscou a atmosphera politica de Bien-Heureuse.

Era a escola a segunda imperfeição da communa. A sua direcção conservava-se ha sessenta annos na familia Lebonius, transmittindo-se de paes a filhos; e quando eu falo d'escola é que subentendo a sua unidade e que a secção femenina estava a cargo da senhora e menina Lebonius, sem differença alguma no systhe-
ma de transmissão. O logar de prefeito tambem cabia sempre ao filho mais velho da familia Lebonius.

O chefe da familia, homem excellente, assaz erudito, armado sempre d'oculos, conhecia melhor, incomparavelmente melhor os gregos e os romanos que os contemporaneos. Sentia um tal gosto em desenterrar palavras obsoletas, que ao ouvir-o, todos diriam que estava falando em latim; afadigava-se a encaixar nas cabeças dos seus discipulos cousas, de que elles nada entendiam, o que lhes causava fastio e lhes tirava o gosto pelo estudo.

Lebonius senior fazia gala de seguir o methodo d'ensino de seu pae, ou, o que é muito peor, o methodo d'um certo Aristoteles, que viveu ha dois mil e duzentos annos. Fazia sempre uso dos mesmos compendios, e, como estes não se encontrassem em parte alguma, obrigava os rapazes a copial-os na aula. Era tal o seu respeito pela antiguidade que ensinava aos discipulos que as burras fallavam, que o sol girava á roda da terra, e muitas outras asneiras do mesmo lote. Comtudo Lebonius era, não ha duvida, um homem d'espírito e sobretudo um honrado homem; o que elle não podia tolerar era que se discutisse uma cousa, ou que se fallasse sobre ella, quando a antiguidade houvesse sobre a mesma deixado a sua opinião. O resultado d'isto era que os habitantes de Bien-Heureuse não tinham a escola na devida conta, e que se, mandavam lá os filhos, era tão sómente por vaidade, para todos poderem dizer, em competencia uns com os outros:

—Vamos! que meu filho,—ou minha filha,—já lê bem e do mesmo modo sabe escrever e contar!

Passadas as cousas, pouco mais ou me-

nos como fica dito, os paes tiravam os filhos dos estudos, para os applicarem aos trabalhos agricolas, dizendo que se não deviam pôr de parte as cousas d'utilidade. De facto, a escola não era manifestamente ou antes estava muito longe de ser do numero d'aquellas cousas; diziam os paes, cujos filhos não queriam estudar, porque Lebonius os desgostava com os seus palavrões:

—Ora! o essencial é saber dirigir uma charrua, ser uma boa domna de casa e conhecer a fundo as cousas da lavoura. Tudo o mais póde dispensar-se.

Havia na communa um mancebo, chamado Jacques Nouvelle, que apesar de filho d'um simples lavrador, tinha grandes estudos; por vontade do tio Lavisé devia elle estar dirigindo a escola no logar de Lebonio.

Lastimava o mancebo que as crianças perdessem o tempo a decorar palavras e disparates, em quanto que o podiam dedicar a estudos proveitosos. Segundo elle dizia, as palavras só por si nada significam e as idéas pelo contrario são as cousas mais importantes que existem. Se não fosse a idéa, dizia Jacques, não saberia o

homem cultivar a terra, edificar abrigos para si, urdir o vestuario, abrir estradas e canaes, lançar pontes, construir barcos, moinhos, fabricar pás, alviões, machinas para debulha de trigo..... foi tambem a idéa que ensinou a fertilisar a terra com o estrume; foi ella, que ensinou os processos da enxertia para o aperfeiçoamento dos fructos; foi ella, ainda mais uma vez, que ensinou a maneira de fertilisar os terrenos turfosos, juntando-lhes cal, e o modo de destorroar as terras pesadas, por meio da marga.

É por meio da idéa que se fazem, todos os dias, novas e interessantes descobertas, uteis a toda a gente, e que poderiam chegar ao nosso conhecimento se a nossa instrucção fosse um pouco maior, se soubessemos ler e perceber bem os livros, aonde ellas veem descritas. Se não fosse a idéa não teriamos o pão, a manteiga, o vinho, o sal, o sabão, o azeite, as velas, as pelles, o ferro, as louças, e todas as outras cousas sem as quaes a vida seria insupportavel.

Ainda não ha muito tempo que para obter lume, eram precisos um calhan, um pedaço de ferro, uma isca e sobretudo

muita paciência, enquanto que hoje, graças ás leituras, estudos e trabalhos d'alguns homens, pôde qualquer obter lume d'um momento para o outro, com uma simples fricção.

Não vae ainda longe o tempo em que o nosso paiz não tinha commercio, em que um boi, que hoje, fazendo a conta pelo alto, pôde dar uns oitocentos francos, não rendia mais que trezentos. Hoje em dia entre nós subiu de um meio o preço dos ovos, da manteiga e da criação; qual a razão d'isto? Não é outra senão o estarmos apenas a duas horas da cidade, em quanto que outr'ora gastava um dia o transporte das provisões, e o ficarmos só a um dia de jornada de cidades ainda maiores aonde nunca chegavam dantes as nossas mercadorias. Ora como é que se chegou á descoberta da via ferrea? Pelo caminho da idéa e da sciencia, e é de esperar que pelo mesmo trilho se realizarão novas descobertas de universal utilidade.

Quando Pingrelet, um dos habitantes da communa, ouvia Jacques fallar d'aquelle modo, punha-se a sorrir; é que elle era d'esses homens que só creem uteis as riquezas, para os quaes o essencial é

adquiril-as sem olhar aos meios, e tudo o mais de nenhum valor.

Como por toda a parte se encontra gente parecida com Pingrelet, vou retratal-o para que o leitor possa apontal-o se alguma vez lhe passar diante dos olhos.

Pingrelet era filho d'um simples trabalhador, que á força de se matar com trabalho, acabára por juntar algum dinheiro. Em lugar de comprar terras com o dinheiro que lhe ficara do pai, Pingrelet entrou a emprestar sobre boas hypothe-cas aos ociosos e extravagantes, e aos que viam os seus negocios mal parados, pois esta laia de gente encontra-se por toda a parte, mesmo em Bien-Heureuse. Dos devedores uns lhe restituiram as quantias sommadas com os grandes juros e outros na impossibilidade de pagarem perderam a sua fazenda.

Enriqueceu Pingrelet por este modo; fôra este casado com uma mulher feia, cheia d'achagues e impertinente, só porque era proprietaria e por meio d'um contracto fez que sua mulher lhe fizesse doação de tudo. Passados poucos annos morreu-lhe a mulher e Pingrelet passou então a segundas nupcias com uma mulher nova, bonita e

ainda por cima com alguma cousa de seu. D'este modo chegou elle a ser o maior proprietario da communa, logo abaixo de Legros, domno do castello.

Por este motivo não era pequena a sua soberba; fallava a todo o momento das suas terras, dos seus gados e das suas herdades; as quaes nem por isso eram as mais formosas e de melhor apparencia em todo o paiz; porque Pingrelet alem de ser pouco entendido em lavoura, estava sempre com receios de gastar de mais com a terra, quer se tratasse dos adubos, dos melhoramentos ou do amanhã.

Ora a terra não é generosa senão com aquelles que se não pouparam cuidados com ella, e assim é justo. Pingrelet era pois enquanto ao dinheiro um unhas-de-fome e enquanto ao orgulho um verdadeiro pavão; desprezava os pobres e não acreditava que houvesse outro merito senão o de ter arranjado uma fortuna. Usava ao presente vestidos de panno e por este motivo já não falava aos seus parentes e antigos amigos, que ainda usavam blusa; a todo o instante falava n'uns conhecimentos que tinha arranjado entre as pessoas graúdas do visinho reino.

—Oh! oh! respondia elle a Jacques com ar de mofa, que valle um sabio e mesmo um mestre-escola? modos de vida, afinal bem necessarios, porque nem todos tem geito para arranjar uma fortuna; o ser sabio não dá de comer.

—Effectivamente nem todos podem ser sabios, replicou Jacques, porque para isso é precisa uma vida inteira applicada ao estudo; comtudo seria conveniente que cada um aprendesse em primeiro logar o que diz respeito ao seu estado particular e em segundo os conhecimentos relativos ao seu estado d'homem, isto é, que conhecesse os seus deveres e conveniencias em todas as situações; tanto mais util quanto á medida que cresce a instrucção cresce tambem a nossa aptidão para tudo; o estudo torna o homem habil e desenvolve-lhe o espirito.

—Deixemo-nos de historias, replicou Pingrelet, nunca aprendi a lêr, d'escrita sei quanto basta para escrever o meu nome e comtudo não deixei por isso de fazer fortuna; emquanto que conheço muita gente bem-falante e cheia de labia incapaz de conseguir o mesmo resultado.

—Talvez por o terem querido, senhor

Deschamps, que tal era o verdadeiro nome de Pingrelet, e depois d'esta resposta dada com um ar triste, Jacques afastava-se sem retrucar ás zombarias de Pingrelet e este encolhia os hombros e dizia: «Que má cabeça! um rapaz que tem idéas suas, tão sómente suas!»

E isto era verdade. As idéas de Jacques não se combinavam com as de toda a gente; porem não quer isto dizer que a culpa fosse sua. Era digno de ser escutado; tinha bonitas palavras e sabia achar razões convincentes. Comtudo nunca discutia com Pingrelet, apesar d'este o contradizer a todo o momento, sem nenhuma cerimonia. — Qual a razão d'isto? Porventura seria Jacques um d'esses homens, que por falta de character ou por acanhamento nunca se atrevem a contrariar os ricos e os poderosos? — Não! o motivo era outro.

A todos fallava conforme sentia, menos a Pingrelet. Podia Pingrelet mostrar á vontade a sua maldade e ignorancia, podia dizer-lhe cousas dignas d'uma affrontosa correccção ou pelo menos d'uma boa reprehensão, que Jacques não deixava de o tratar sempre com a mesma bondade e respeito

Levaria Jacques a originalidade ao ponto de achar Pingrolet amavel e digno de estima? — De certo que não. A rasão era que sob o mesmo telhado que cobria Pingrolet havia uma pessoa bem differente d'elle no character e na physionomia; era d'est'outra criatura, do seu lindo rosto e do seu character que o pobre Jacques estava enamorado.

Jacques tinha escolhido bem, pois caíra a sua escolha n'uma gentil e galante menina. Em nada se parecia ella ao pae, pelo contrario era quasi o retrato da mãe, boa e formosa senhora, amiga de desabafar as suas penas, para as quaes lhe sobejavam os motivos.

Francisquinha (era Francisca o seu nome no registro civil; a mãe, porém, no requinte das suas caricias chamavalle d'aquelle modo), Francisquinha era tão ingenua, tão affavel e tinha um coração tão bem formado quanto o de seu pae era insensível. Bastava olhar para ella para ficar formando este juizo; os seus expressivos e bellos olhos, limpídos como a agua n'um leito de rocha e meigos até no negrume das pupillas, pareciam dizer a toda a gente:—O meu desejo é ser fe-

liz e merecer os louvores de toda a gente,—desejo ao mesmo tempo bem virtuoso e natural; comtudo apezar da riqueza de Francisquinha, apesar de ser filha unica, apesar dos seus dons naturaes e de possuir ao menos, na apparencia, tudo o preciso para ser feliz, diziam as pessoas discretas que ella seria mais feliz se tivesse nascido pobre; porque estava prestes a cair sobre ella a maior de todas as desgraças que podesse ferir uma mulher, a de fazer um mau casamento. É cousa extranha que os paes n'este ponto se enganem tanto a miudo sobre a verdadeira conveniencia da seus filhos.

O marido que Pingrelet destinava á sua filha era ao mesmo tempo o rapaz de menos juizo e de peiores instinctos de toda a aldeia,—emquanto a riqueza era porém o melhor partido.

Trop-d'Ur era o seu nome, estranho nome, que passava de pais a filhos; o motivo era porque desde remotas epochas, sempre a progenie se reduzia a um só filho e porque toda a familia tinha a fama d'egoista e intratavel. O verdadeiro nome era Grosgain. Grosgain senior, homem corpulento e barrigudo, era mais pacato

que Pingrelet; a riqueza não lhe roubara todo o juizo como áquelle, porque a tinha herdado de seu pae; comtudo não pensava senão em augmental-a e não deixava de commerciar com o visinho reino em gados e cereais; e porque d'este commercio lhe resultavam grandes lucros, não havia sobre a terra, ao seu dizer, um reino aonde as cousas fossem melhor.

Grosgain e Pingrelet eram um e outro do conselho communal. Nenhum d'elles foi nomeado, senão por causa da sua riqueza e ao presente se os eleitores tinham motivos de queixa contra os dois, não podiam deitar as culpas sobre outrem. Os habitantes de Bien-Heureuse tinham, é claro, a obrigação de saberem que se a riqueza não é incompativel com a honradez e a intelligencia, tambem com certeza não pode garantir estas qualidades. Devem os homens ser estimados pelas qualidades do seu espirito e da sua consciencia e não pelo valor dos seus rendimentos.

Francisquinha de quem é tempo de falar novamente, tinha recusado o partido de seu pai. Pingrelet porém estava aferado ao projecto e não cessava de a perseguir e de tal modo que a pobre menina,

por este motivo, levava uma triste vida. Afirmava muita gente que Francisquinha amava Jacques; é que o segredo que ella não confiara a ninguem, como era d'esperar, não lh'o guardaram os olhos, tão expressivos eram. Os de Jacques não lhes ficavam atraz n'este ponto, de modo que quando os dois estavam cara a cara, ainda que se não olhassem bem de frente, não era precisa muita prespicacia para descobrir que era o amor que brilhava nos olhos dos dois e que era elle que lhe dimanava das palpebras meio cerradas, tal e qual como a luz dimana do sol e como a veia liquida brota do manancial. A julgar pela apparencia ninguem podia agou-
rar bem d'estes amores.

Em Bien-Heureuse as considerações pecuniarias, quando se tratava de casamento, eram menos attendidas que em qualquer outra parte; só iam em taes casos dizer os pais a seus filhos:—Sois os verdadeiros interessados; e tambem:—Para o casamento ser feliz deve ser feito de vontade. Pingrelet que não lia por este catholicismo, principalmente depois da sua ida á corte, exigia que seu genro fosse por força senhor de grandes fundos.

No anno em que isto tem logar, conforme o uso, deviam ir dois moços levar ao rei dois patos e o ramilhete; ora correu de bocca em bocca que as raparigas se faziam representar por Francisquinha, pelo que os rapazes escolheram Jacques, tanto por estima dos dois namorados como para pregarem uma peça a Pingrelet. Jacques e Francisquinha deviam pois ir ambos em deputação á côrte.

É quasi indescritivel a colera de Pingrelet. Fez-se branco, depois encarnado e amarello em seguida. Pragejou, blasphemou, bateu com os pés no chão, fez arremeços e deu uma tremenda descompostura na mulher e na filha, nenhuma das quaes tinha o remedio na mão; recusar uma tal honra seria coisa nunca vista; seria um insulto á communa inteira. Resolveu afinal acompanhar a filha, pelo que espalhou que os negocios o chamavam á côrte; Trop-d'Ur acompanhou-o a pedido seu e os dois e Jacques e Francisquinha partiram todos no mesmo wagon.

Tal é o motivo porque os dois namorados não poderam trocar muitas falas um com o outro; d'outro modo teriam a

felicidade de se poderem fallar commodamente em todo o dia, pois que a jornada á capital do rei levava oito horas.

Á chegada, dirigiu-se Jacques e Francisquinha ao paço, de braço dado, o primeiro com o pato e a segunda com o ramilhete, seguidos de perto por Pingrelet e Trop-d'Ur, viram por toda a parte e cheios de espasmo um crescido numero de soldados. No paço, cresceu o seu espanto, não se via outra cousa senão uniformes.

—Esta gente andar­á em guerra? perguntou Francisquinha.

—Isso sim, respondeu Jacques; tudo isto é para guardar o rei, a rainha, os principes e as princezas.

—Guardal-os e para que? Por ventura não os estima o povo? Na *Gazeta* li eu que o rei se congratulava pela estima, que lhes tributa o povo.

—Mentira! replicou Jacques, e mentira que só engana os que vêm de longe; a prova de que o é temol-a debaixo dos olhos.

Chegados á porta principal do paço, foram detidos nu'ma casa de guarda, onde lhes pediram os papeis.

— Ah! sois os jovens de Malempis que veem trazer o pato e o ramilhete? Muito bem podem passar.

Transpозeram o limiar. Pingrelet e Trop-d'Ur porem foram detidos, pelo facto de não serem da commissão. De nada serviu a Pingrelet gritar: reparem que sou o senhor Des Campes de Bien-Heureuse; conheço o conde des Trois Quartiers, o marquez de Fillasse... e muitos outros nomes pomposos, que elle disse; ninguem lhe deu ouvidos e Jacques e Francisquinha tiveram que os deixar.

Ao atravessarem sosinhos um espaço do vestibulo, Jacques aproveitou o ensejo e disse para a sua companheira, dando-lhe um pequeno aperto no braço.

— Ah! Francisquinha! porventura casarás ainda um dia com Trop-d'Ur?

— Nunca! respondeu ella, cobrindo-se de côr.

— Quanto feliz seria, proseguiu Jacques, se fosses a mais pobre de todas as raparigas de Bien-Heureuse!

— Tambem eu, disse ella, assim o queria, e isto, Jacques, só por teu motivo.

Estavam n'este ponto de conversa sem saberem já o que faziam, quando senti-

ram os ouvidos atordoados por uma horrível praga:

— Com um milheiro de diabos ! com mil trovões ! não pode ver aonde põe os pés ? Ignora porventura que não fica impune uma pisada nos pés do general Brran de Craquenboun ?

Francisquinha deu um grito e fez-se pallida á vista d'um homem corpulento, vestido de variegadas côres, com um grande penacho na cabeça, com uma cara parecida na côr com um feixe de papoulas e que desembainhava um sabre formidavel. Este personagem estava sentado n'uma grande poltrona, junto d'uma porta com reposteiros, com as pernas estendidas, de forma que os dois namorados, olhando só um para o outro e para mais nada, foram topar com os grandes pés do general.

Apresentaram as suas desculpas e o motivo a que vinham; o general Brran de Craquenboun continuou a gritar, mas sempre houve por bem não os fazer em quartos. Chamou dois soldados e duas camareiras para verem se Jacques e Francisquinha tinham armas escondidas e só depois de executadas estas medidas de

prevenção, foram os dois jovens admit-tidos á real presença.

Foram bem recebidos. Sua magesta-de o rei dignou-se elogiar a belleza das rosas e a juvenildade de Francisquinha, e a rainha disse a Jacques que nunca vi-ra patos tão grandes como os de Malen-pis. As senhoras presentes, de grande toilette e os homens cobertos de cordões e de penachos, uns e outros ao parecer, muito enfastiados, divertiram-se a exa-minar o vestuario dos camponios e a fa-lar com estes. Os homens achavam Fran-cisquinha encantadora; a verdade era que a filha de Pingrelet excedia em belleza todas as damas da côrte. Fôra d'isso es-tava bem arranjada: vestuario de cache-mira, fina, azul, com guarnições de fita de velludo preto, da largura da mão; ao pescoço um lenço de boas rendas; uma pequenina touca tambem de renda e uma rosa e florinhas azues sobre os louros ca-bellos; para complemento uma corrente d'ouro ao pescoço e um bom avental de seda preta, enfeitado com fitas quasi tão largas como o proprio avental. Quando se tratava da toilette de sua filha, Pin-grelet era ainda mais vaidoso do que so-vina.

O principe admirou Francisquinha, o que não passou por alto aos côrtezáos.

Os dois jovens, segundo o costume, foram alojados no paço. Mal tinham dado entrada nos seus quartos foi a formosa Francisquinha procurada pelo principe. Ella porém não o quiz receber a sós e Jacques sustentou com firmeza e com as maiores attenções possiveis o direito, que lhe assistia, de não abandonar a sua patria.

Não estava o principe muito contente, quando Pingrelet e seu futuro genro, que afinal conseguiram entrada no paço, foram presentes. N'este extremo Jacques não teve outro remedio senão retirar-se.

Qual foi ao certo o que se passou entre o principe, Pingrelet, Trop-d'Ur e Francisquinha soube-se depois pelo seguinte:

Primeiro que tudo Pingrelet regressou a Bien-Heureuse a rebentar de soberba e assoprando como um touro, por causa da cruz do Toison d'Or que levava ao peito; emquanto que Trop-d'Un expunha, pendente da casa, a fita do Coucou Royal.

Francisquinha continuou a ser bondosa e ingenua como d'antes, unicamente se tornou um pouco mais alegre, porque era

portadora de fitas, anneis e collares para todas as raparigas, suas patricias. Foi dia de festa aquelle em que se fez a distribuição! Offuscadas pelas lindas cores e pelas preciosas joias, não houve uma só mulher que não proclamasse, no meio de grandes applausos, o principe Parfait, filho do rei Bombanco, um principe encantador.

Não ficaram as cousas aqui: por ordem do principe, Trop-d'Ur distribuiu confeitos e amendoas pelas crianças de Bien-Heureuse; estas gritaram viva o principe Parfait! e as mais disseram umas ás outras:—O principe, não ha que duvidar, é uma boa criatura.

Por ultimo o principe presenteou o asilo dos velhos e dos orphãos com jogos, muito divertidos, recentemente inventados no reino e com cincoenta *bombances* d'ouro, quantia equivalente a mil francos.

Depois do que fica dito, não se ouvia em toda a aldeia de Bien-Heureuse, assim como nos logares circumvisinhos senão os louvores do principe Parfait; e como nenhum dos habitantes da socegada communa já não soubesse o que era um rei e o que valia um reino, perguntavam entre si:—Aonde irá o generoso principe alcançar

tar
seu

niu
qu
ca
cta

pic
rei
d'o
era
pa
reu
per
tod
pel
ga

pa
des
cer
tes
vin
d'u
tas
nã
ger
qu

tanto dinheiro? Quão felizes devem ser os seus subditos!

Sobre isto foi interrogado o sabio Lebonius; o qual encolheu os hombros e disse que nada sabia a tal respeito e que nunca havia estudado o proximo reino, exactamente por ser limitrophe da communa.

Visto o acontecido suppoz-se ao principio e correu pouco depois como certo que os reis visinhos possuiam minas inexgotaveis d'ouro e que as pedras, dos seus reinos, eram amendoas. Sobre Lebonius recaia em parte a culpa dos habitantes de Bien-Heureuse não terem um conhecimento mais perfeito das leis da natureza; pois tinha todo o cuidado de não lhes falar n'elles, pela unica razão de serem simples e vulgares.

Lebonius aproveitou comtudo o ensejo para lhes impingir um sermão sobre o dessinteresse das riquezas e citou-lhes um certo Hyppocrates que regeitou os presentes do rei Artaxerxes. A opinião dos ouvintes foi que Hippocrates não passára d'um tolo. Porque motivo, afinal de contas, regeitou elle os presentes? Lebonius não o poudo explicar. Entre esta simples gente havia um homem, de quem já falei, que de si para si diria discretamente:

—Que motivos ha para que o príncipe nos estime? ou melhor, de que lhe poderemos nós servir?

Era este homem o tio Lavisé. Era d'estas pessoas que gostam de profundar o verdadeiro sentido das cousas e que se não deixam seduzir por palavras armadas no ar. Nada mais sabia além do mister de lavrador, porque o defuncto Lebonius, pae do actual, tambem não sabia fazer outra cousa senão quebrar as cabeças dos rapazes com historias de burras a falarem, de corvos portadores de provisões, de soes a girarem á roda dos planetas, de mares erguidos ao alto, formando paredes d'agua e de morticinio pela boa causa, cousas que o faziam abanar a cabeça, com um ar que mostrava ás claras o pouco credito que lhe mereciam. Nada sabia mas sobejava-lhe a vontade d'aprender; comtudo não lhe passava cousa alguma diante dos olhos, que eram prespicazes, que não considerasse attentamente e que no intimo não examinasse por todos os lados, até lhe achar a occulta significação. Toda a gente o tinha n'esta conta e por isso era do numero dos que mais amiudo desempenhavam as funcções de arbitros. Para encortar razões

era, como já dissémos, o unico membro sensato da Junta municipal. N'uma sessão da Junta, depois da viagem aos estados do rei Bombance e depois dos presente do principe Parfait, Pingrelet tomou a palavra:

— Caros concidadãos, disse elle, — para que isto não surpreenda o leitor, fique já sabendo que Pingrelet ia lendo uma copia com pequena differença, dos misterios do visinho reino, — é tempo de remediar emfim uma lamentavel injustiça, que tornaria a nossa communa de Bien-Heurense o alvo das zombarias de todos os estados civilizados; falo da clausula inhospita, deshumana, odiosa, barbara, descortez, velvagem, ultrajante, criminosa, e, digo-o sem receio, impertinente...

N'este ponto deteve-se Pingrelet, por haver saltado uma linha e os ouvintes admirados perguntaram uns aos outros:

— Que é isto? que aconteceu?

— Falo, proseguiu Pingrelet, d'essa lei que prohibe ás cabeças coroadas transportem as raias da nossa communa e que prescreve á mais amavel e formosa metade do genero-humano, a nossas mulheres e filhas, sem respeito pela decencia e

prestando pouca estima á piedade natural das mulheres, que sejam executoras d'um vil e ignominioso tratamento. . . .

—Que algaravia é aquella? perguntou ao ouvido de Lavisé, um dos assistentes, chamado Claudio Pataud, conhecido tambem pela alcunha de Gabe-la.

—Meu velho, respondeu Lavisé, aquillo é a linguagem dos homens d'estado, que Pingrelet estudou na côrte do rei Bombarce; vem a ser o que se chama fazer muita bulha para dizer nada. Vou ver as contas da escola, em quanto elle acaba o discurso.

—O que, meus caros concidadãos, proseguia Pingrelet, dar-se-ha caso que nós, com quem o digno e gentil príncipe Parfait tem sido prodigo de mercês, esse príncipe que illustra cada um dos dias da sua vida com novos actos de virtude e manificencia, que tornam o seu nome estimado em toda a parte onde a fama o levou, dar-se-ha caso, digo, que nós levemos a horrivel ingratição ao ponto de ameaçar o seu real costado e a região inferior, tambem augusta, onde o mesmo costado muda de nome, com uns indecentes feixes, conhecidos vulgarmen-

te, não sei de pejo como diga, pelo nome de vassouras!....

Senhores! demo-nos pressa de revogar semelhante lei, monumento de barbaria demagogica, que recorda os peores tempos da nossa historia e perante a qual os alicerces de sociedade devem ficar hoje mais aluidos que nunca. Tão deploravel resolução só podia ser inspirada pelas paixões cegas e criminosas, deshonra das juntas communaes; paixões onde se geram futuras catastrophes que envolvem ao mesmo tempo o credito das juntas e as sociedades que vivem sob a sua guarda.

Acreditem que se não tratarmos de abraçar outra vez os bons principios, as leis organicas e fundamentaes irão desaparecendo juntamente com a sociedade, ferida por tantas desgraças, á medida que se succederem aquelles grandes ataques; iremos de dia para dia caindo no abatimento e na ruina; por mim, prefiro conservar-me ao pé do baluarte, com o estandarte de Bombance hasteado na minha mão e soffrer em sua defesa uma gloriosa morte, da qual heide ser com certeza indemnizado um dia....

Pingrelet fez alto e Gobe-La soltou um lamentoso gemido que acordou em sobresalto metade dos assistentes e produziu um abalo de nervos na outra metade.

—Brrr! exclamou o auditorio em vez d'applaudir.

—Não sei de que se trata, concidadão Pingrelet, exclamou Gobe-La: em compensação achei-o altamente agradavel e se o discurso dura mais cinco minutos tinha-me posto a uivar como os cães quando ouvem musica; porque, a fallar a verdade, entendeu-me com os nervos. Por conseguinte sigo o seu parecer. Só lhe peço que me diga, por favor, o que é que pediu.

—Se bem percebi, observou o presidente, era negocio de mulheres. Que proceder devemos seguir segundo a sua opinião?

—Não é nada d'isso, exclamou uma terceira voz, tratava-se de uma acção que recaia sobre o principe Parfait; que o diabo me leve se eu sei o que isto tem comosco.

—O nosso estimavel collega Pingrelet, disse então Legros, proprietario do castello, propõe a abrogação da lei que prohi-

be a todo e qualquer rei, imperador ou principe o acesso na communa. Tenho a honra de conhecer o principe Parfait que, assim como todos os principes, principalmente se nunca occuparam o throno, é ornado com as maiores virtudes e approvo a proposta de Pingrelet.

Todos os outros membros da Junta puzeram-se a coçar a cabeça. Nunca se tinham lembrado de consultar a sua opinião sobre o presente caso; tratava-se d'um artigo da constituição; por tanto pressentiram que a occasião era solemne; ao mesmo tempo a lembrança dos confeitos, das fitas e das *bombances* d'ouro assaltava-lhes sem descanso os corações; era grande a sua irresolução.

—Visinhos e collegas, disse Lavisè, tenho tão bom coração como a outra gente e, bem o sabem, toda a pessoa que me bate á porta, tem a certeza de ser bem acolhida, seja quem fôr. Todavia não posso deixar de perguntar a mim mesmo o motivo porque o principe Parfait tem tanta precisão de vir á nossa communa, tendo milhares de leguas no seu reino para pessear, já em largura. Tudo o que existe aqui encontra-se lá tambem. Vitellas,

carneiros, bois, criação, prados, searas e vinhas são cousas que ha por toda a parte; e se tanto gosta de fazer mercês, lá tem o seu reino, aonde, segundo parece, são grandes as miserias e taes como nunca as houve aqui. Quando os nossos antepassados pozeram os principes d'aqui para fóra, lá tinham as suas razões; e é de crêr que não foram más de todo, porque senhores de pedirem a um rei e a um imperador aquillo que para elles fosse de mais valor, só pediram que os livrassem para sempre das suas presenças. Talvez alguém me diga que os nossos antepassados podiam pensar assim, sem que por este facto sejamos obrigados a pensar do mesmo modo. D'accordo; estou porém persuadido de que antes de desmanchamos o que os nossos predecessores fizeram, seria conveniente tomar duas precauções necessarias: primeiramente, saber porque obraram elles assim e depois, as razões que nós temos contra o estabelecido. Demais temos ainda o orçamento das nossas finanças, que supponho mais urgente e que deve ser tratado em primeiro lugar.

Era acertado o parecer; existem porém no homem duas paixões bem incompati-

veis com aquella qualidade: a curiosidade e a ambição. Toda a gente de Bien-Heureu-se morria com desejos de vêr o príncipe Parfait, porque não tendo visto nenhum príncipe, não podia fazer idéa do que fosse. As raparigas cuidavam que havia de ser por força um moço d'extraordinaria formosura; os rapazes pensam que iam achar no príncipe um modelo d'espírito e de bom-tom, com o qual aprenderiam novos generos de vida e de prazeres; as crianças chamavam-lhe príncipe *Bonbon*, o que bem mostra a idéa que faziam a seu respeito; enfim tanto as mães como os paes, tão cheios de curiosidade como as crianças diziam comsigo mesmo:

— Vista a riqueza e a generosidade do príncipe é claro que a sua estada entre nós só nos póde ser util.

Por outro lado, como os autores da constituição morreram, havia um seculo, não era possivel por meio d'elles conhecer as razões que tinham tido para porem fora os príncipes. Podia-se ao menos ter mandado, como propunha Lavisè, dois ou tres dos homens de mais tino da communa; afim de saberem o que ia no visinho reino e se os seus habitantes eram felizes com a forma do seu governo.

Mas que! Toda a gente perdia o juizo com vontade de vêr o principe e não pensava n'outra cousa. Em consequencia d'isto, reuniu-se a Junta communal alguns dias depois, em sessão extraordinaria, foi votada a abolição da impertinente clausula relativa ás magestades. Legros foi o encarregado de transmittir ao principe o convite da communa, no meio tempo houve geral regosijo e o tio Lebonius occupou-se em folhear os seus livros velhos afim de compor um discurso de recepção, digno d'um monarcha.

Finalmente chegou o grande dia e appareceu o principe em publico, montado n'um cavallo branco. Trazia um vestuario tão recamado d'ouro e tinha um tão grande penacho no chapéu e um porte tão arrogante, que apesar de tudo gostaram todos de o vêr, ainda que para este effeito concorreu em parte a geral surpresa. Uns imaginavam-o de maior estatura, outros mais nutrido; e ainda outros faziam a seu respeito uma idéa completamente differente, emfim para nada ficar por dizer, acharam que não fazia grande differença de qualquer outro homem. Á vista d'isto Lavisè poz-se a rir.

— Oh! exclamou elle, como queriam então que fosse? Não ha dois modos diferentes de deitar homens ao mundo; os principes nascem do mesmo modo que nós, sem tirar nem pôr e são tambem feitos á nossa similhança. Ahi está porque mais d'uma vez tenho perguntado a mim mesmo a razão porque governam os outros; se os seus cerebros não fazem differença alguma dos nosso, senão é rasoavel pensar que uma só cabeça possa encerrar uma quantidade de bom-senso, superior á de toda a outra gente?

Ninguem lhe deu ouvidos e todos foram atraz da comitiva do principe, com as cabeças desorientadas.

Na mesma noite houve um baille nos salões do castello, para o qual foi convidada toda a communa. Rebecas, cornetas de piston, flautas, rabecões, infernal orchestra, como nunca se ouvira outra; refrescos e bolos; luzes e lanternas, tantas, que parecia dia claro..... Tudo admiravel! E o principe dignou-se a escolher para pares as raparigas mais bonitas, o que as deixou tão vaidosas que não falavam n'outra cousa.

Comtudo todos repararam que o prin-

cipe dançara com Francisquinha mais vezes que com as outras e que a olhava muito amiudo.

—Toma sentido na tua futura dizia toda a gente a Trop-d'Ur.

—Ainda se não iria o tempo dos casamentos dos principes com pastoras? exclamava mais de uma linda rapariga, mirando-se ao espelho.

Sucedeu porem uma desgraça, que veio aguar a festa : mestre Lebonius, foi ferido d'apoplexia no momento em que abria a bôcca para pronunciar o discurso, tanto o havia impressionado a idéa de falar diante d'uma testa coroada.

A partir d'este dia foi preciso nomear alguém para a escola e a custo de muitas diligencias conseguiu Lavisé que Jacques fosse o escolhido. No dia immediato ao da chegada do principe toda a mocidade de Bien-Heureuse recebeu convite para uma caçada, n'uma floresta do reino visinho, apenas á distancia de duas leguas. Veados e javardos foram perseguidos até á ultima; comeu-se um bom numero d'empadas abriram-se garrafas sem conta. Á volta estavam todos encantados.

No domingo seguinte, armaram-se mesas cobertas de copos no meio da praça publica e trouxeram-se tambem para o mesmo sitio muitos toneis, para cada um beber á sua vontade. O príncipe tambem compareceu, encheu um copo de vinho e fez um brinde em honra da communa.

Houve por esta occasião muitos vivas, pareciam não ter fim.

Em quanto foi dia bebeu toda a gente sem conta nem medida. Pois se o vinho era bom e de graça, porque não haviam de beber-o? Havia sobretudo duas pessoas, o tio Boissausoif e o vadio Grovillard que já não eram senhores de si mesmo á força d'enthusiasmo. Boissausoif subiu a uma meza e disse em alta voz:

— Meus senhores, minhas senhoras e mais pessoas presentes. . . .

Todos foram ouvidos.

— O príncipe Parfait é um grande príncipe, viva o r. . . .

Queria proseguir; porém ao erguer os braços, perdeu o equilibrio e foi parar debaixo da mesa, d'onde o tiraram, á noite, bebado a cair. Não foi elle o unico, — custa-me dizel-o, mas visto ter começado, heide dizer toda a verdade, muitas

outras pessoas fizeram o mesmo, de modo que á noite a grande praça de Bien-Heureuse offerecia um espectaculo bem desagradavel decerto aos olhos de Lavisé, que nem ao menos quizera provar o vinho, e se tô:a embora, cheio de tristeza e dizendo:

— Ah! toda essa gente vae perder alma e corpo, haveres e tudo!....

Não havia remedio; andavam as cabeças todas a razão de juros e de todas as boccas e a todo o proposito se ouvia o nome do principe. As raparigas já não pensavam n'outra cousa senão em bailes, os rapazes em caçadas, os homens em brodios e as mães em verem as filhas rainhas e os filhos generaes. Pois que o principe Parfait, esquecia-me dizel-o, não viera sosinho. Trazia consigo o general Raran de Cranquenbonno, o mesmo a quem Jacques e Francisquinha tinham pisado os pés e que vinha tão esplendido com as suas galas militares, que produziu grande admiração; trazia tambem o tenente Panachon, o secretario Platin, o camarista Baiseton, o mordomo Filouton e criados numerosos. Na comitiva do principe havia ainda dois ou tres individuos sem encargos

bem definidos: um operario de mãos aristocraticas, Mouchon; um artista mal educado, Limiere; e um commerciante sem mercadorias, Fouinard. Toda esta gente entoava os louvores do principe e contava os rasgos da sua bondade, grandeza, generosidade e bravura, de modo que faziam vir as lagrimas aos olhos! Diziam tambem que todos os subditos do rei Bombance erão felizes; que no visinho reino eram melhores as colheitas e melhores os campos de trevo do que nas communas sem realeza; tambem por lá caia algumas vezes geada, tão raras porém, que era só para proporcionar applicação á grande liberalidade do monarcha, da rainha, sua esposa, do principe seu filho e da princeza sua filha, pois que n'estas occasiões reembolsavam as victimas de um valor superior da colheita perdida e deixavam-nas remediadas para o resto da vida. Bastava, segundo elles, que esta illustre familia apparecesse n'um sitio qualquer, para tudo ahi prosperar immediatamente, porque a Providencia abençoava os seus constantes esforços e tinha-os na conta de filhos dilectos.

Que direi? Ainda não havia um mez

que o principe Parfait estava em Bien-Heureuse e já havia um grande partido favoravel á annexação da communa ao reino. E isto era tanto mais desejado quanto tendo a quasi totalidade da gente posto de lado as occupações, durante o mez findo, contava com aquella mudança para pôr outra vez os negocios em ordem e satisfazer todas as suas phantazias. Além d'isso diziam muitos:

D'este modo nos veremos livres da junta municipal, que não queria dissolver-se de modo algum.

Quem tinha grande sentimento com isto era o tio Lavisé! Mortificava-se, ia aos ares, encolerisava-se!

—Que ides fazer! homens dignos de lastima! sois livres e quereis sujeitar-vos a um senhor! Per ventura podereis levar a loucura ao ponto de confiar mais n'um extranho que em nós mesmos, quando se trata d'interresses vossos?

Havia tambem na communa uma segunda pessoa com o mesmo pensar; era a tia Bonsens, directora do asylo dos velhos e dos orphãos. Esta mulher que tinha experiencia do mundo e juizo; dizia ella

para a multidão, encolhendo os hombros:

—Na verdade é para lastimar que o senso commum occupe um logar tão pequeno no cerebro humano! É pois certo que os os homens estão ainda abaixo dos outros animaes, porque estes não aparam as pancadas por vontade propria e só não fazem o que querem, quando não podem.

Ide, ide! arranje cada um uma albarda para si.

Ninguem fez caso das suas palavras, como succedera a Lavisé e como succedeu depois a Jacques, que lhes repetiu quasi as mesmas palavras; á noite ao som das rebecas e das gaitas de folles, ouviam-se os rapazes e raparigas, no meio das danças, assim como os patuscos, tocando os copos, cantarem ou berrarem com vozes claras ou avinhadas: — Viva o rei Bombance! Viva o rei!

Continuando as cousas por esta forma, um bello dia toda a população da communa foi convocada á praça publica pela Junta municipal afim de decidir por votos a incorporação da communa no visinho reino.

Acudiu em massa toda a gente d'aldéa, bem como das herdades e logares circumvisinhos.

Na praça grande fôra estabelecida uma especie de tribuna ou tablado para aonde subiam por uma escada aquelles que queriam falar á multidão, afim de serem vistos e ouvidos por toda a gente; mal que a praça se encheu e que o povo entrou a apertar-se, como sardinha em canastra, appareceu Pingrelet na tribuna. Trazia a cruz do Oison-d'Or e com maneiras mais soberbas e emproadas que d'ordinario começou o seguinte discurso:

— Meus caros concidadãos, temos até aqui vivido n'uma enganadora ignorancia das verdadeiras condições da felicidade. Cuidavamo-nos felizes e estavamos bem longe d'isso; tinhamo-nos na conta de cordatos e comtudo viviamos com os olhos fechados. Conduzidos pelas simples luzes do instincto, cuidamos sem hesitação que a natureza impunha a cada um o servir-se dos proprios olhos para vêr, do cerebro para ter uma vontade e da propria liberdade para obrar, do mesmo modo que cada um se serve do proprio estomago para digerir. Isto porém, meus concidadãos,

é d'uma simplicidade demasiado indigna dos altos pensamentos e das extraordinarias combinações, que distinguem a nossa especie no meio das outras. Somos assaz intelligentes para não passarmos d'aqui.

Uma verdade incomparavelmente mais complicada e engenhosa, nos foi revelada, pela graciosa presença, entre nós, d'um d'esses homens que a Providencia marcou em especial e a dêdo, para a fazer a felicidade dos mais homens, como sufficientemente demonstra a sabedoria que brilha atravez os galões d'ouro do seu vestuario e das plumas do penacho, cuja contemplação nos tirou toda a luz dos olhos.

E' elle, concidadãos, ou antes seu augusto pae, mais particularmente marcado pela Providencia, emquanto occupar o throno; é a elle, a elles, que devemos ceder o encargo de vêr, querer dirigir e de obrar em nosso logar. D'este modo nunca mais seremos forçados a tratar dos negocios e de então para o futuro reinará a idade d'ouro sobre a terra; governo este que deve ser admiravel, porque debaixo d'elle haverá uma só autoridade e tudo ficará entregue á intelligencia d'um unico homem.

Ainda uma palavra, caros concidadãos. Não é para vos falar dos beneficios que nos esperam da parte da illustre familia, como nossos legitimos e felizes soberanos para sempre.

Este discurso foi correspondido com gritos d'entusiasmo.

—Sim! sim! Viva o rei Bombance! Viva o principe Parfait! Viva a familia real! Que nos governem para sempre!

Havia comtudo excepções, assim a tia Bonsens gritava gesticulando: Sois uns imbecis! — o tio Lavisé apertava a cabeça entre as mãos; — e Jacques fazia-se pallido e dizia de si para si: Estão todos doidos; — e alem d'estes muitos outros, cumpre dizel-o, que encolhiam os hombros e não davam mostras de contentes. Comtudo a maioria era favoravel á proposta de Pingrelet.

No meio tempo Lavisé pediu a palavra; porem Pataud, por alcunha Gobe-La, antecipou-se-lhe, subiu a escada quasi d'um pulo como o teria feito um esquilo e depois de haver dado um grande salto no ar, effeito do estado da grande exaltação em que se achava, exclamou:

—Sim, viva o rei Bombance para todo o sempre! o seu dezejo é fazer-nos felizes; porventura ir-lhe-hemos nós pôr obstáculos? Seria uma tolice colossal! Cá por mim, bem o vedes, sinto-me enternecido até ao intimo da alma e sou-lhe, por todos os motivos, muito reconhecido.

Viva toda a gente de bom coração! Eu cá sou assim; viva o rei Bombance!

Gobe-La foi appladido e ainda não des-cera e já Lavisé estava sobre a tribuna. Como tinha fama de prudente, muitos se calaram immediatamente para o ouvirem; comtudo ninguem duvidava de que elle fosse fallar contra a realeza.

Por este motivo Fouinard, Mouchon e Limier pozeram-se a berrar.

—Fóra! fóra! fóra! Que desça! que desça! Estamos resolvidos! Não queremos ouvir mais nada! Basta! basta!

E como sempre se encontra gente sufficientemente estúpida para repetir o que os outros dizem, só pela rasão de que foi dito, poseram-se muitas pessoas a gritar:

—Basta! basta!

Estas vozes comtudo não foram geraes, e logo que se estabeleceu o silencio, começou Lavisé do modo seguinte:

— Visinhos e amigos, se não estivesseis afferrados ao vosso projecto, haverieis conhecido que não vos disseram senão tolices.

Não vim aqui para responder a Pingrelet, porque o que elle disse não merece resposta, e vós com certeza não lhe haveis dado ouvidos; pois como era possível que entrasse na cabeça de homens, de bom senso, que um outro homem, ainda que fosse rei ou imperador, fosse o que fosse, pudesse dispor de tudo a bel-prazer, dar-nos colheitas melhores e melhorar as nossas vinhas? Para este resultado não ha outro caminho senão o trabalho e as boas idéas dos sabios. Ora não consta que os reis sejam sabios; pouco é o seo tempo para bagatellas e divertimentos. Ainda mais, não gostam nada da sciencia, por que por meio d'ella se prova tão claro como a agua e tão evidente como dois e dois serem quatro, que elles, os reis são perfeitamente inuteis.

Por ventura é possível,—porque ainda que me pese, sempre me vejo obrigado a falar n'uma das tolices de Pingrelet,—por ventura é possível que um homem, senhor de todo o seu juizo, nos venha im-

pingir que precisamos um rei que pense, que mande e que obre em nosso lugar! Palavra que se fossemos bois ou jumentos não nos falariam d'outro modo; é como se nos tirassem os miolos, deixando-nos só os braços e pernas, cujo trabalho devia redundar em proveito do rei, o qual por consêguinte e de facto ficará digerindo-nos a todos nós, como disse Pingrelet, sem reparar, segundo me pareceu.—Sim, porque o rei e a sua gente hão de deitar a mão ao melhor que nós tivermos e aos primeiros productos do nosso trabalho.

Sem duvida é uma perfeita ordem aquella aonde ha um só cabeça, uma só voz e um só mando. Mas o essencial é saber se por esse facto as cousas vão melhor, por que, segundo o meu modo de vêr, toda a ordem em que as cousas não vão bem não é perfeita. Pela mesma razão devia ser admiravel a ordem dentro d'um cemiterio e comtudo ninguem deseja a morte. Sabeis o que ouvi do que se passa debaixo do governo do rei e do imperador? Os subditos estão postos n'um tal tormento e em taes cuidados, — pois que apesar de lhes ser prohibido o exercicio do pensamento, não lhes poderam tirar as cabeças,

—estão pois n'um tal tormento que não fazem senão estar em continuos gemidos e sobresaltos, e, como elles lá dizem, em continuos levantamentos; pelo que recebem descargas, de modo que uma ordem assim é uma verdadeira desordem e um inferno.

Cá por mim e a meu ver de todas as cabeças pensarem só podem resultar boas cousas.

Se desde o principio não houvesse senão uma unica cabeça, sem duvida estaríamos ainda hoje a par dos animaes, incapazes de progresso, por isso que tem todos os mesmos pensamentos. Pode algumas vezes resultar a discordia da differença d'opiniões; mas os culpados disto são exactamente aquelles que querem dominar e sugeitar toda a gente ás suas idéas. Que cada um faça a sua vontade nas cousas que lhe tocam.

Observar-se-ha o que for melhor e far-se-ha a escolha.

Uma supposição, meus amigos. Vós que tendes terras a cultivar e a medrar debaixo dos nossos cuidados, por ventura já algum dia vos lembrestes de dizer no intimo: Vou confiar os meus haveres a

fulano, que me hade cuidar melhor d'elles que eu? Pois não! e isto porque sabeis muito bem que ninguem trabalha com tão boa vontade e com tantos cuidados, como o proprio individuo? Com certeza que não, porque sabeis muito bem que ninguem toma tanto a peito e comprehende tão bem os interesses alheios como os proprios. Toda a gente que tem administradores é roubada. Por conseguinte que plano é o nosso de confiar d'uma pessoa, que nem sequer conheceis, a fortuna, os interesses e as vossas proprias pessoas?

— Não poudes porem continuar por causa da tremenda gritaria que se levantou n'alguns grupos do auditorio.

Eram Pingrelet, Groschain, Trop d'Un, Limier, Mouchon, Foccinard e alem d'estes Bairetout, Platin, Filouton e quejandos que davam os gritos e que faziam gritar os que lhe ficavam ao pé.

— É um invejoso! Pretende apoderar-se do governo da communa! Diz mal dos nossos bemfeitores; quer-se oppôr á nossa felecidade. Á forca!

— Que diabo! replicou Lavisé, elevando a voz acima das vozes de todos, — pois que não se podéra conter ante a loucura

dos seus patricios,—que diabo! O eu falar não impede que obreis depois conforme pensais, se n'isso insistirdes tão absolutamente. Por conseguinte escutem-me. Sobre tudo desconfiem d'aquella gente que quer impedir a fala aos outros. É uma prova certa e infalivel de que conhecem perfeitamente a propria culpa e que tem medo da verdade. Pois cuidais habitantes de Bien-Heureuse, porque vos fizeram uns pequenos presentes, que logo que tiverdes uma monarchia, haveis de ter todos os dias uma chuva de fitas, de confeitos, de luizes d'ouro e de folganças, tal e qual a do outro dia, cujos autores se deviam cobrir de vergonha? Pois sabeis que hade succeder exactamente o contrario. Logo que estiverdes sujeitos e que a vossa liberdade esteja de todo perdida, em vez de receberdes, haveis de pagar. Achais que é muito pagar a media de sete francos por cabeça, para sustentar uma communa bem administrada?

Pois quando chegar esse tempo vereis subir o imposto immediatamente e chegar ao decuplo.

Convem notar porém que as despesas

de proveito commum, são simplesmente uma boa collocação; exactamente o contrario do que succede com os impostos pagos á realza. Os reis tomam o dinheiro do povo e não lh'o restituem. O dinheiro do povo serve-lhes para comprarem a criada-gem, as matilhas, os cavallos, os cortezãos, as favoritas, os ricos adornos, os diamantes e os palacios. Esta qualidade de gente tem esplendido passadio e não se contenta com toda a sorte de prazeres. Tambem costumam comprar propriedades e palacios para os seus generaes, escrevinhadores e fidalgos; porque necessitam d'estes mandraços bem ataviados ao pé de si, para os ajudarem na governança, isto é a tosquiar o povo e a pol-o nas ultimas....

D'esta vez os gritos foram tão furiosos que cobriram a voz de Lavisè e que este se viu obrigado a descer. No caminho encontrou Gobe-La, que lhe disse chorando amargamente:

— Nunca te suppuz capaz de semelhante couza, Lavisè. Dizer mal d'um rei tão bom! Aqui! entre nós! Ah! se elle o soubesse, que grande desgosto não teria!

E n'este ponto poz-se a saluçar.

—Caro e nobre povo de Malempis.... Era o proprietario do castello, o sr. Legros, hospedeiro do principe, e que em pessoa subira á tribuna.

—Caluda! caluda! foi a voz que se ouviu de todos os lados.

Legros poz-se a fazer o elogio do rei, dos principes, das princezas e dos homens da côrte. Conhecia toda esta gente, por ter ido muitas vezes á capital do rei Bombance e no seu dizer era toda virtude, beneficencia, desinteresse, magnanimidade, etc.... Na verdade não era por ambição que o rei Bombance conservava no governo, bem ao contrario porque achava demasiado pesado, o fardo do poder. Se o impellia a sua indole de abnegação tinha nascido assim.

—Por ultimo, disse Legros, tinha a fazer-vos scientes d'um novo favor! O rei Bombance, a rogo do principe Parfait, querendo dar um testemunho da sua grande consideração pela communa de Malempis, acaba de elevar um dos seus concidadãos, o mesmo que nos está falando, á dignidade de porta-esponja de sua magestade, com o rendimento annual de vinte mil francos, o que me permittirá fazer

admirar aos meus concidadãos o espectáculo d'uma pompa maior, que a que tenho desenvolvido até agora.

Não poude acabar, tão grande foi o enthusiasmo. Comtudo Grosgain tambem pediu a palavra e foi para annunciar que acabava de saber, de boa fonte, que os queijos se vendiam a um franco e cincoenta na capital do rei, emquanto que em Bien-Heureuse com muito custo chegava o preço a um franco. Concluiu dizendo que por conseguinte era preciso quanto antes votar a annexação, afim dos queijos se venderem a um franco e cincoenta no proximo mercado.

D'esta vez a tia Bousens não se poude ter, e subindo sem cerimonia para cima d'um banco de pedra, começou a dizer assim:

—Pensar que os homens são tão necios, exclamou ella, e que pretendem comtudo que só a elles compete dar aviamento aos negocios! Ouvi pois o que me diz a pura razão: Visto que d'aqui á capital são mais de cem leguas, e que os transportes no caminho de ferro custam um tanto, já podeis ver que por serdes subdi-

tos do rei, não subirá o preço dos queijos. poisque....

Porem ninguem a escutava e todos gritavam ao mesmo tempo que Baisetout, Platin, Gobe-La e outros do mesmo jaez: A votos! a votos! Viva o rei!

Então em todo o tempo que se levou em procurar uma urna e quando appareceu a mulher de Gobe-La trazendo uma caldeira esfregada do fresco, tentou Jacques um novo esforço.

— Caluda, deixa ir, disse-lhe Lavisé com acento de desespero, tudo está acabado; ninguem lhe pode dar remedio e ias-te mortificar, sem proveito algum. Occupa-te de preferencia em fazeres desenvolver o bom senso nos cerebros dos teus discipulos. Temos grande necessidade d'isso.

Comtudo Jacques persistiu em usar da palavra e eis-abi o que elle disse:

— Porventura, cidadãos, antes de tomarde uma resolução tão seria, por isso que compromette completamente o vosso destino, não achais muito conveniente investigarde primeiro o que ides fazer? Ora estou eu persuadido de que existe um erro no coração de muitos dos que me ouvem,

sob um certo ponto: Esperais que o rei vos faça bem, não é verdade? Suppondes que vos hade dar muito e pedir nada? Sabeis ao menos, cidadãos, se semelhante cousa tem visos de possibilidade? Porventura sabeis o que é um rei? Vou dizervol-o e desafio todo e qualquer que me desmintá. Um rei vem a ser um homem que não trabalha. Talvez alguém me diga que o rei tem a seu cargo os negocios do Estado, pois seja assim.

Supponhamos, que na realidade póde desempenhar e desempenha a extraordinaria tarefa, que lhe impões, de pensar e de querer por todos.

No que não ha duvida é que o seu trabalho é d'aquelles, que não produzem riquezas e que por conseguinte se os reis tem dinheiro é porque lho dão os subditos.

Ora não ha duvida de que os subditos pagam muito. Com o rendimento de alguns reis podiam subsistir sessenta mil familias de camponios. Porém é o povo, repito, que lhes estabelece as rendas; o povo, isto é a gente de poucos haveres, porque o seu numero não tem conta comparado com o das pessoas reaes. Se um povo qualquer prescindisse dos serviços do

seu rei e deixasse de lho pagar os milhões, no caso d'elle não ter tido o cuidado de juntar, ficaria tão pobre como qualquer mendigo. Por conseguinte esperar liberdades d'um rei ou d'um imperador vem a ser simplesmente abandonar os proprios haveres, na esperança de ainda reaver uma parte. Pois não será mais simples guardal-os? Tanto mais, que essas liberdades a favor do povo tão apregoadas não passam de uma pequena, muito pequena parte do dinheiro que saiu do povo; não representam sequer um centimo por cada franco; o remanescente vae para os grandes, para a sucia dos laçaios, para aquelles omfim que são os naturaes apoios dos monarchas e que os ajudam a manter o povo em obediencia.

Todos viram n'este momento apparecer na tribuna o secretario Platin, pelas costas de Jacques. E guia as mãos para o céo e dava mostras de grande indignação.

Que ouço? exclamou Platin, interrompendo Jacques sem mais cerimonia, pois ha quem se atreva a negar as immensas riquezas do rei Bombance! quem se atreva a negar as suas minas d'ouro virgem,

os seus subterraneos abarrotados de peças d'ouro, os seus palacios cheios de pratas, e os grandes navios, pelos quaes recebe, todos os dias, cargas d'ouro em pó de e diamantes, vindas da Australia e de Galconda! Oh! muito grande é a preversidade humana e....

Bastará porem esta enumeração de riquezas. A multidão estava maravilhada. Repetiam todas as bocas: Subterraneos cheios de dinheiro! navios carregados!.... E com mais ardor que até alli romperam os seguintes gritos:—A votação! á votação pelo rei Bombance!

Os membros da Junta tomaram logar á roda da caldeira; cada um dos assistentes entregou a sua lista e eram passadas duas horas quando o rei Bombance foi proclamado rei de Malempis, —pois que pela rasão de vigorar ao presente a monarchia devia o nome antiquado ter preferencia sobre o moderno, do mesmo modo, que as antigas usanças ião prevalecer sobre as idéas modernas.

O principe Parfait veio agradecer á população; fez um discurso muito commovedor e levando n'um momento oportuno

a mão ao peito, levou o entusiasmo dos seus ouvintes ás raias do delírio.

Houve nova distribuição de vinho e confeitos e baile em seguida. Pela segunda vez o príncipe tirou para pares as raparigas mais bonitas, que umas ás outras disputavam os seus olhares e á partida do príncipe deu-se pela falta da Linette e debalde se andou em sua procura.

No dia seguinte a população de Malempis despertou cheia d'altivez por causa do seu novo regimem e muitas pessoas olhavam para o ar e á roda de si, como se esperassem encontrar alguma mudança extraordinaria.

Comtudo, não houve novidade; correu o dia tal e qual os outros. Todavia Gobe-La pretendeu que o sol apparecera mais brilhante e que o trevo tinha crescido de meia pollegada; o que porém não foi provado.

Alguns dias depois a communa recebeu os agradecimentos do rei Bombance, que assegurava que ia para o futuro dedicar-se todo á felicidade dos seus numerosos subditos. Ao mesmo tempo o príncipe Parfait foi nomeado vice-rei de Malempis e Legros governador. Pingrelet fi-

cou sendo thesoureiro. Grosrain recebedor. Fouinard commissario da policia e Platin ministro da justiça. Gobe-La, Boissansoif, Grouillard, e outras pessoas que tinham tomado parte activa no successo, bem como algumas notabilidades, receberam, cada um, a photographia do rei, n'uma pequena medalha com uma singela moldura d'ouro.

Para dizer a verdade todos ficaram muito orgulhosos d'esta distincção. Todavia, adivinhou já o leitor? Houve uma decepção geral, que Gobe-La, sempre sincero, manifestou do seguinte modo:

— Cuidava que os retratos dos reis tinham sempre uma cercadura de diamantes?

Aconteceu tambem, que o retrato do rei foi mirado por muito tempo sem ninguem abrir a bocca, até que por ultimo alguém se atreveu a fazer a seguinte pergunta:

— Que lhes parece?

— Hum!... Não sei... Não sou entendedor.

— Cá por mim, estava persuadido de que todos os reis eram formosos.

— Assim parece que devia ser. Gente tão distincta!...

—Mas então porque terá elle um ventre tão volumoso! e uma cara de palmo e meio.

E verdade e porque terá tambem uns olhos tão pequeninos!

—E o seu bigode que dá vontade de rir! parece o do meu gato.

—Pois eu cá pensava, que os reis não se pareciam com os outros homens.

—Ah! é verdade; Pedro Vernet, sabem quem é? pois estando outro dia em casa de Legros, foi incumbido d'acarretar agua para o banho do pincipe, o que lhe proporcionou o ensejo de o ver em camisa.

Pois bem! diz Pedro Vernet que o pincipe sem o chapéu e sem o vestido d'ouro, não faz differença de qualquer de nós; ainda mais, o que talvez nos custe a acreditar, tem parecenças com o pequeno Gouillard, que é da mesma idade.

—Ora adeus!

—Isso é mentira! exclamou Gobe-La.

Magoou-se tanto d'haver um atrevido que achava parecenças entre o seu pincipe e o pequeno Grouillard, que teve um accesso de colera.

Foi bem vingado no dia em que o prego dos vitellos subiu de dez francos, em

que as batatas tambem subiram quatro soldos em cada duplo-decalitro, os ovos dez centimos e os queijos vinte e cinco centimos.

—Que tal! exclamava elle por toda a parte, não vos dizia eu! eis que chega a abundancia! Toda a agua corre para o nosso moinho. Assim irá por diante, cada vez a melhor. Um dia finalmente seremos todos ricos, grandes senhores e mesmo grandes proprietarios. Vêde o que é a gente ter um rei!

—O que eu ficava sabendo agora, se o não soubesse há muito tempo é que não passas d'um animal. Pois não sabes que a uma hora d'aqui se abriu um caminho de ferro, que leva as nossas mercadorias á grande cidade dos Gamaches? Ahi tens a razão porque os preços sobem; por conseguinte o rei nada fez para isso nem pode fazer.

Ainda Lavisé não tinha proferido a ultima palavra quando alguém lhe bateu nas costas; voltando-se viu Mouchou, já sem o exterior d'operario, envergando um uniforme, com um chapéu acabado em ponta na cabeça e uma pequena espada ao lado.

—Meo querido, disse Mouchon, olhe que ao presente é subdito do rei Bombance pelo que deve conformar as suas palavras com a nova ordem de cousas. Tudo o que origina o bem e o bello dentro d'um reino, a prosperidade do commercio, das artes, da industria, os annos bons dos lavradores bem como as boas acções, é tudo devido, fique sciente, á influencia de sua magestade graciosa. Tudo o que dá origem ao mal: baixa de preços, quebras, accidentes, saraivas, seccuras, tremores de terra, tempestades, os estragos das vinhas, assassínatos, pendencias, épizootias e inundações, é tudo obra dos eternos inimigos da ordem, isto é dos scelerados da demagogia, de cujo numero sois, como o provaram os vossos discursos incendiarios, no dia da annexação da communa á coroa. Olhae que não sois perdido de vista e que á primeira palavra contra o respeito devido á sagrada pessoa do nosso soberano ou contra a ordem suprema da monarchia, sereis arrebatado como uma ovelha ranhosa do meio do rebanho e ireis meditar, nas reaes prisões, sobre o perigo de professar opiniões oppostas aos bons principios.

—Palavra, disse Lavisé, que é peor o que eu cuidava; deveras não me importa, ser preso, se tivesse a certeza de abrir os olhos aos meus concidadãos.

—Eh! eh! disse o agente policial com um risinho de mofa, é muito tarde para lhe abrirem os olhos.

Era verdade. Pois que exactamente n'aquelle momento entravam na grande praça o general Roran de Craquenbourn e o tenente Panachon, á frente de cento e cincoenta soldados vindos do reino, munidos de boas e bellas espingardas, armadas com reluzentes baionetas. A' rectaguarda vinha, puchado por dois cavallos, uma bonita peça de pequeno tamanho, sobre a respectiva carreta e ainda mais á rectaguarda vinha tambem um carro coberto, cheio de polvora, de balas e munições. O general Roran de Craquenbourn gritou: Alto! e preferida esta voz os soldados pararam todos a um tempo.—Gritou depois: Descançar armas! e todas as espingardas descaíram simultaneamente, com uma só pancada, composta de cento e cincoenta movimentos.—A voz que deu o general Roran de Craquenbourn: Braço armas! todas as espingardas se dispo-

ram, como sob a acção d'uma mola, do lado esquerdo dos soldados, ao comprido das espadas.—Em frente! marche! e todos os soldados deram uma volta pela praça, com o passo certo, como se aquelle grande corpo não tivesse mais que duas pernas.

Todas as mulheres e raparigas de Malempis estavam no limiar das portas e diziam:

—Tão bonito! como parecem bem!

Iam-lhes no alcance todos os garotos da communa, correndo em todos os sentidos, como um bando d'andorinhas em torno d'um campanario.

D'esta vez houve tanto enthusiasmo como no primeiro dia. Os cidadãos estavam todos soberbos de terem um exercito sem faltar sequer a artilheria.

—Ora! digam lá que não é bom viver n'um regimen monarchico! repetiam Gobe-La, Grouillard, Boissansoif e outros naturaes de Malempis.

Durante alguns dias foi a cousa bem, mas depois pais e maridos começaram a achar que os militares perseguiam com demasiado impeto as suas filhas e mulheres e que estas se achavam bellas acima

de todas as considerações; entre os militares em pessoas e os seus galões e penachos que admiravam ellas ao certo? quem se atreve a decidir? Os rapazes tambem criaram ciumes das suas namoradas, o que deram logar a numerosas pendencias em todo o territorio.

Por occasião d'essas pendencias em vez dos arbitros, segundo o antigo uso, foi preciso reccorrer ao ministro Platin, em torno do qual se tinha formado um regimento d'advogados, procuradores, officiaes de justiça e sollicitadores. Estavam as causas de modo que os culpados tinham de pagar e de pagar bastante, de modo que de taes negocios toda a gente saía escaldada.

Certa manhã todas as familias de Malmepis receberam uns bilhetinhos, cuja leitura foi causa de geral commoção. Primeiro houve gritos no lar domestico; em seguida o mesmo succedeu, mas em casa dos visinhos; finalmente formaram-se grupos na praça publica, os quaes unidos uns aos outros fizeram um respeitavel ajuntamento.

—É espantoso! tal era a voz geral.

—Isto não pode ser!

— Nunca se viu cousa assim !

— Porventura cuidarão que somos milionarios.

— Todavia isto sai fora de todos os limites !

Era o que faltava, não queremos ser espoliados por meio dos impostos e se assim continuar

Gobe-La suava por todos os poros.

Nada entendia do que se estava passando e tambem achava o caso extraordinario; porem como havia de elle accusar o rei de proceder mal, se o rei lhe tinha mandado a sua photographia !

Esquecia-me de vos dizer o que significava o bilhete; mas o leitor talvez quejá o tenha advinhado. Era a quota de contribuição relativa a cada um dos habitantes, consoante as leis do reino; quota que era á justa nove vezes egual á que os habitantes de Bien-Heureuse pagavam n'outro tempo. Tal era o motivo dos gritos, das reclamações e das invectivas; na verdade nada ha que mais nos arrede o animo que sermos obrigados a pagar mais do que haviamos calculado.

De repente Gobe-La bateu na testa. acudira-lhe uma idéa, uma soberba idéa

sem duvida, que só as presentes circumstancias fazendo-o sair de si lhe podiam ter sugerido.

—Foi engano! entra elle a gritar no mesmo instante. Foi engano de Gros-gain! o que me não admira, por que se elle calcula bem de cabeça, não tam com-tudo geito algum para escrever. Aonde estão francos deve lêr-se centimos! E tododo contente começou a espalhar a noticia, como certa, tão convencido estava de que não podia ser d'outro modo. Um rei tão bom! ora pois! a culpa não era sua.

Isso ago a é outra cõusa, disseram todos.

Tornaram a tranquillisar-se muitas physionomias; mas outras permanecçeram inquietas e n'estas circumstancias appareceu Lefros. Cinjia uma banda com as cores do rei Bombance e por traz d'elle e á entrada da praça via-se o general Roran de Craqueboun a cavallo e á frente dos seus soldados.

—Habitantes de Malempis, exclamou Legros com modos severos, que fazeis aqui?

Todos olharam uns para os outros ad-

mirados e um honrado homem, a quem não faltava o espirito e um pouco arrebatado, de nome Ceveillé, tomou a palavra:

—Ora essa! disse elle, pois não vê! estamos aqui na praça conversando uns com os outros dos nossos negocios, temos direito de o fazer, ao que me parece.

—Por esta vez, replicou o governador, sou servido de desculpar a vossa ignorancia das leis do reino; ficae sabendo a partir d'hoje que são prohibidas reuniões como esta. Tendes licença para vos visitardes uns aos outros, vizinhos e amigos, coitanto que o ajuntamento não seja muito grande; porem o que não vos é permittido de nenhum modo são estas assembléas de cidadãos sem a regia permissoão.

D'esta vez até o proprio Gobe-La achou desmarcadas estas palavras.

—Como, diziam elles, com que direito? E porque? pois ha quem ouse prohibir-nos de nos reunirmos e de fallarmos uns com os outros?

—Então já vos esquecestes, respondeu-lhe Lavisé, de que haveis querido um senhor? Ahi o tendes.

Então Lavisé saiu á frente e disse para Legros apresentando-lhe a quota de contribuição:

—Aqui está a rasão do nosso descontentamento. Sempre será certo que nos exigem tanto dinheiro?

Legros tomou o papel, examinou-o e entregou-lhe depois com friesa.

—E' a vossa parte das despezas do estado, disse Legros, e vós como subditos submissos deveis pagar e conservar-vos callados.

—Espere por isso, exclamou Leveillé, com certeza não heide ser eu quem pague tal quantia! Não me deixo roubar d'essa maneira, e se são estes os beneficios do nosso rei!

Ao mesmo tempo fez o papel em pedaços e muitos outros tão irritados como elle seguiram o seu exemplo.

Então e a um signal de Legros, o general Roran de Craquenhaum, desembainhou a espada e deu a voz: Em frente! Os soldados começaram a marchar a passo de carga, com as bayonetas cruzadas, e os habitantes de Malempis sentiram-se possuidos de um tal panico que fugindo cada um para seu lado succedeu

tropeçarem uns nos outros e quebrar-se uma perna d'uma creança. Lavisé assim como as outras pessoas que tinham rasgado as quotas; foram detidos e encarcerados.

Foi grande a consternação tanto na aldea como em todos os logarejos dos arredores, cujos habitantes se tinham tambem sobresaltado por causa das respectivas quotas, mas que sabedores do acontecido na aldea principal; não se atreveram a reclamar. Mas por isso não deixaram de meditar sobre o caso. Consumiam-se de desespero ao verem que estavam ao presente sujeitos a um homem que vexava com o maior descaro e que os tratava, como se fossem cães, a ponto de mandar fazer fogo sobre elles quando recalcitavam; sobre tudo ao lembrarem-se de que por vontade propria tinham chegado ao presente estado. Lamentavam-se amargamente de não terem prestado ouvidos a Lavisé e de se terem deixado cair quaes outros estorninhos no visco dos presentes e das palavras armadas ao effeito,

Ainda agora estavam no principio. É ocioso dizer que na communa nunca até esta epoca se tinha pensado em guerra,

nem crear um exercito; ao presente, sob o dominio do rei corriam as cousas d'um modo bem diverso. Todos os rapazes de vinte annos foram sorteados. Nas monarchias apesar do costume sempre o sorteio é causa de haverem muitas lagrimas, por conseguinte pode o leitor imaginar o quanto lagrimaram as mães e as noivas de Malempis. Entretanto ao principio cuidava toda a gente que os jovens conscriptos ficariam na communa; se esta era guardada por soldados do rei, não havia nada mais natural que serem esses soldados naturaes do paiz. Porém todos souberam pouco depois que os mancebos ião ao contrario ser mandados a cincoenta ou sessenta legoas de distancia. Foi o signal da insurreição feminina. Depois de muitos segredos e de muitas conversações formou-se uma deputação de vinte mulheres, mães e desposadas dos conscriptos, sob a direcção da tia Bonsens e esta deputação foi ter com o tenente Panachon na propria occasião em que elle commandava um exercicio.

Panachon era moço e cortez, sobretudo muito attencioso com as mulheres bonitas, de cujo numero vinham algumas

na deputação e entre estas uma trigueirinha que pelo signal era cortejada pelo tenente.

Depois da tia Bousens lhe ter falado por todas, Panachon respondeu-lhe affavelmente o seguinte:

— Ah! minhas senhoras, tenho grande sentimento de não vos poder dar nenhuma esperanza; o vosso pedido vae de todo em todo contra a politica do governo.

Ficaram todas cheias de susto.

Não tinham feito mais que o que fica dito.

— Vão fusilar-nos e chamar-nos demagogas, tal foi o pensamento de todas. Pouco faltou para que fugissem quasi todas, cada uma para o seu lado; porem a trigueirinha que acabava de trocar uma vista d'olhos com o tenente Panachon, encheu-as de animo; por outro lado o tia Bonsens, mulher que não se assustava com qualquer cousa, exigiu explicações.

— Afastar os soldados dos seus lares, disse o tenente Panachon, é sem tirar nem pôr um axioma d'Estado. Effectivamente imaginai sobre a praça grande um principio de revolução, como houve outro dia e que os vossos maridos recusavam mais uma vez obediencia ao rei, não se-

ria muito difficil resolver os soldados a fazerem fogo sobre seus paes e sobre seus irmãos?

—Deus omnipotente! exclamou a tia Bonsens erguendo as mãos ao ceu, mas então a vossa monarchia é uma verdadeira caverna de bandoleiros?

—Aviso-a, minha senhora, replicou o tenente Panachon, que se continua a falar por esse modo me obriga a dar-lhe a voz de prisão.

—O tenente não é capaz d'isso porque é um homem rasoavel e com quem a gente se pode abrir. Compreende muito bem que toda a pessoa honesta que tem uma idéa na cabeça, deve servir-se da palavra para a emittir, visto estarem as cousas dispostas de forma que o exercicio do pensamento se manifesta pelo da lingua. Pois pode existir alguma lei contra a natureza?

—Não posso entrar n'essas considerações, respondeu o tenente: porque sob as monarchias a nossa obrigação consiste precisamente em tolher o raciocinio aos governados. Apenas vos direi que as monarchias nada teem que ver com a natureza. A natureza ordena que cada um

pense e obre sob o proprio influxo, só com a condicção restrictiva de não lesar a outra gente, pelo contrario a monarchia estabelece que um so pense e obre por muitos individuos.

Depois de falar assim, saudou as mulheres e tratou de se retirar. N'esta occasião a trigueirinha foi atraz d'elle e o increpou por não tomar a peito a sua causa.

—Ingrata! disse o tenente Panachon, Disse-vos cem vezes mais do que convem a um militar. O meu dever era responder-vos só com a seguinte ordem:—Meia volta á direita, em retirada!

—Pois bem! visto isso, vou obedecer-vos e nunca mais emquanto fordes vivo poreis os olhos em cima de mim.

—De modo algum! Sabeis muito bem o que eu disse e que se assim fiz foi só por vossa causa.

—Pois então o que deverieis fazer era seguir abertamente o nosso partido e ajudar-nos a mandar passear esse rei, de que já estamos fartos, vamos! Casar-nos-emos depois e...

—Diga-me, linda, quem me havia de pagar depois o soldo e quem me faria general, quando me chegasse a vez? As

republicas não são boas para nós, os militares.

—Mas então porque?

—Não precisando ensinar, sob pena de morte, a uma parte dos cidadãos a regra do bom viver e não precisando obrigar a outra a executar sem dizer palavra a vontade do rei, também não precisam sustentar exercitos permanentes. É decerto uma grande economia; economia que porém não pode convir a nós, militares.

—N'esse caso o que fazem as republicas quando teem de sustentar uma guerra?

—Não teem guerras porque as evitam. Entretanto para previnerem o caso de um ataque, exercitam os seus cidadãos no manejo das armas; de modo que sendo necessario defender o paiz todos os homens validos entrariam em serviço, formando assim um exercito mais numeroso que o maior exercito permanente possivel. A Suissa é um exemplo do que acabo de dizer. Todos os povos o sabem e por isso a Suissa está livre d'uma aggressão.

—Porém, querida trigueirinha, os meus soldados estão a todo o momento a olhar para aqui e o sargento que commanda o

exercício também está distraído. Se que-
reis receber uma lição politica, mais
comprida, concedei-me um rendez-vous
esta noite.

—Recuso, porque não nos destes res-
posta satisfatoria.

—Não está na minha mão. Se tendes
vontade de receber um mau acolhimento
ide procurar o general Raran de Craquen-
boun. A tia Bonsens estava resolvida a
que também a trigueirinha que conhecia
o lado fraco dos militares; porém as ou-
tras mulheres não se atreveram, tanto
medo lhes havia feito o general na para-
da, com os seus grandes olhos, girando
para todos os lados. Unicamente no dia
da partida dos sorteados, todas as mães
acudiram á praça, sem previa combina-
ção; soluçaram muito e agarraram-se aos
pescoços dos filhos e n'esta occasião, por
ser o amor ainda maior que o medo, ro-
dearam o general Raran de Craquenboun
e pediram-lhe que ao menos as certifica-
se de que não haveria guerra. O general
encolheu os hombros, deu uma volta com
os olhos, torceu o bigode e exclamou com
voz atroadora:

Não é má a vossa tolice. Logo que ha

soldados, para que hão de elles servir se não para a guerra? É preciso ser um imbecil para não perceber isto!

Acompanhae o meu raciocinio: para que serve uma charrua? serve para lavrar; para que serve uma fouce? para ceifar; e um moinho para que serve? para moer; do mesmo modo um exercito não serve para outra cousa senão para fazer a guerra.

Ao ouvirem isto as mães começaram de novo a lamentar-se e então fez-se ouvir outra vez a estrondosa voz do general.

—Leva de rumor! não gosto de choros; mas emfim como não tenho tão mau coração, como parece, vou dar-lhe uma pequena consolação.

Dai-me bastante attenção! é verdade que os exercitos se fizeram para fazer a guerra; porém ha muita variedade de guerra. Defender a patria.... isto é o que se diz ás creanças; basta ter dois dedos de juizo para saber que o verdadeiro destino dos exercitos é sustentar a ordem, pôr no bom caminho os recalitrantes e aniquilar os murmuradores. Ora quando se trata de paisanos, nunca o perigo é grande; podeis dizer alguma cousa a este res-

peito, visto que outro dia na praça grande não foi preciso muito para que nos mostrasseis os calcanhares. Tendes por conseguinte, mães sensiveis, nove sobre dez probabilidades de verdes voltar os vossos rapazotes sãos e escorreitos; tratem pois de limpar essas lagrimas. Não quero choradeiras! viva o rei!

Depois d'esta fala o general esporeou o cavallo e a columna de recrutas abandonou Malempis, deixando de luto os corações dos pobres paes e de toda a communa.

Em breve não houve em Malempis senão cuidados e tristezas. De boa ou má vontade foi preciso pagar o imposto e muitos para o fazerem tiveram que recorrer ao emprestimo. Recorrer aos conhecimentos da vizinhança não podia ser, porque todos sem excepção precisavam arranjar uma quantia, com que não tinham entrado nas suas contas. Os habitantes de Malempis viviam dos seus bens e do seu trabalho; comtudo em suas casas não andava o dinheiro por cima dos sobrados. D'este modo um grande numero de pessoas não encontrou outro recurso senão dirigir-se a um certo personagem, que em seguida á annexação, viera de

visinho estado estabelecer um banco em Malempis. Chamava-se Grangoulu; tinha a figura de uma bola, modos francos e sempre tinha debaixo da lingua uma amabilidade.

Se aquelles que o procuravam possuiam terras ou pelo menos casas não tinham duvida alguma em fazer o emprestimo. Só ha a notar, que os seus favores saiam caros, porque só emprestava por tres mezes, a cinco por cento, isto é a vinte por cento ao anno, além das custas do renovamento, no caso d'impossibilidade de pagar no dia do vencimento. Não tardou muito que se visse quasi todos os dias em Bien-Heureuse, o que até então nunca ali se vira: officiaes de justiça, protestos, penhoras, vendas obrigadas, a desgraça, as lagrimas e tudo o mais que d'aqui pode derivar. Por este caminhar não foi preciso muito tempo para Grangoulu se tornar proprietario de quasi toda a communa.

Pingrelet, Grosgain, Trop-d'Un e os restantes, que pensariam ao presente do estado a que, por sua culpa, chegara a sua desgraçada patria?—Não lhes passava sequer um instante pela idéa semelhante cousa. A razão d'isto é que todos elles

assim como Legros tinham empregos rendosos; tinham grande orgulho de serem mandatarios do rei, de terem autoridade sobre a multidão e por este motivo andavam sempre inchados de soberba, dando ares d'uns perus empavonados. Não podiam ser melhores as suas relações com Platin, Fouinard, Grangoulu, etc. e faziam frequentes jornadas á capital. A partir d'este tempo Francisquinha teve um estado de grande senhora, o que porém não a tornou mais formosa e que sobretudo não lhe augmentou a alegria.

A pobre menina consumia-se de desgostos, regeitando sempre Trop-d'Un, e perseguida a todo o momento por seu pae; por outro lado enchiam-a de serios cuidados, os galanteios do principe, que parecia concertado com Trop-d'Un para lhe fazer a corte, e que a perseguia com as suas declarações, de que ella, na sua qualidade de rapariga se sentia muito affrontada.

Emquanto a Jacques, a quem era defesa a entrada em casa de Pingrelet, occupava-se tristemente na escola e com todas as diligencias possiveis, em tornar os seus discipulos intilligentes e habeis.

Não tratava unicamente, como fizera o seu predecessor Lebonius, de encher as cabeças das crianças com palavras; em vez de palavras ministrava-lhes idéas; o seo intento não era fazer dos discipulos papagaios, mas, sim, homens de bom senso, comprehendendo as cousas, sabendo escolher o mais inconveniente, e entendidos na sua profissão de lavradores. Por este motivo em logar de lhes fallar em em successos occorridos ha milhares d'annos, começava por obrigar-os a estudar tudo quanto os rodeava, o seu paiz e a natureza, os phenomenos do ar, da agua, e da terra, que o homem do campo tem a todo o momento debaixo dos olhos. Numerosas vezes dava a aula no meio do campo e á noite os rapazes cheios de alegria e de viveza contavam a seus paes o modo de formações das montanhas, qual era a origem dos rios, dos ventos e da chuva; enumeravam os elementos principaes, que constituiam um determinado terreno e diziam se devia juntar-se-lhe cal, marga, terra vegetal ou estrume para o adoptar á cultura do trigo, das batatas, ou a qualquer outra. Guardavam diferentes ervas de que sabiam os nomes

e as applicações que tinham na medicina, na industria e para os gados. Mostravam pequenas pedras onde se viam animaes petreficados ha milhares de seculos e alem d'estas muitas outras coisas curiosas.

— Isto já é outra coisa! diziam os paes, eis uns rapazes que vão adquirindo conhecimentos uteis, que um dia os hão de tornar mais habeis e sagazes que nós somos!

Do mesmo modo em vez de falar aos estudantes no rei Pharamond e no rei Clodion, dos quaes não se sabe outra coisa, senão que sustentaram guerras e que por conseguinte foram a causa de muita gente morrer, ensinava-lhes o nome e a historia de todos os homens que teem feito bem á humanidade, já ensinando o emprego das forças naturaes, já ensinando as regras da justiça. Contava-lhes como foram descobertos o ferro, a charrua, os barcos, a illuminação, os estofos, as tintas, a olaria, as artes, a imprensa, os meios de transporte desde o menos até ao mais rapido; o modo como os homens pela associação, augmentam á sua moralidade e a maneira porque elles poderiam levar estes resultados a um

grau ainda mais elevado. Procurava tornar-os bons e cordatos sem recorrer á violencia, porque os effeitos d'esta são passageiros, mas, sim, por meio da reflexão e da consciencia, cujos effeitos são eternos; perguntava-lhes algumas vezes a proposito de discussões que umas vezes por outras se estabeleciam entre elles:

—Que pensaes d'isto? Quem é que tem a razão?

As crianças, educadas d'este modo, tornavam-se reflexivas, boas e intelligentes, alem d'isto mais alegres e felizes, que outr'ora e estimavam muito Jacques.

Um dia porém em que Fouinard, o chefe da policia, foi sabedor d'isto, foi ter com o ministro da justiça, Platin, e disse-lhe o seguinte:

—Temos entre nós um professor que segundo parece cuida que vive n'alguma republica. Trata de transformar os discipulos em rapazes intilligentes, que um dia estarão educados para a liberdade e que hão de ter vontade de a adquirir. Isto não nos pode ser conveniente. Se a mocidade fosse educada d'esse modo quem quereria ser subdito, pagar impostos avultados e pegar em armas sem ser

em propria defesa? quem pagaria ao ministro da justiça, á policia, aos senadores, aos commendadores e chancelleres? era uma vez a monarchia! Temos grande necessidade de dar ordem a isto.

Em virtude d'isto reuniram-se em conselho com Legros e o general Roran de Craquenboun e entre todos foi resolvido ir no dia seguinte espreitar o que se ensinava na escola. Quando chegaram estava em meio a lição de geographia. Não quizeram mostrar-se; collocaram-se de um e outro lado da porta, que estava aberta; e eis aqui o que ouviram:

—Quaes são, perguntava Jacques, as nações da Europa aonde o imposto é mais elevado?

—A França, Inglaterra, Russia, Austria e Italia, respondeu um dos alumnos.

—Quanto somma o imposto em cada um d'esses paizes?

A França paga dois e meio milhares de milhões;—A Inglaterra, mil e oito centos milhões;—a Russia, mil e seis centos;—a Austria, mil cento e quarenta;—e a Italia, mil milhões.

—Pode dizer-me qual é o estado da Europa menos sobre-carregado pelo imposto?

—Não, senhor. É verdade que a Suíça tem só tres milhões d'habitantes; porém certos estados taes como a Saxonia e o Wutemberg, com uma população de dois milhões, pagam: o primeiro, cincoenta milhões e o segundo, trinta e seis.

—Para fazer uma apreciação rigorosa será preciso devidir a somma dos impostos de cada paiz pelo numero dos seus habitantes; d'este modo seria possível descobrir qual é o estado em que o contribuinte é mais sobrecarregado pelo imposto. Quer encarregar-se d'este trabalho?

—Sim, senhor.

Todas as crianças deitaram mãos á obra, enquanto Jacques dictava.

| | IMPOSTO | POPULAÇÃO |
|---------------|---------------|------------|
| França..... | 2.500.000.000 | 37.000.000 |
| Inglaterra... | 1.800.000.000 | 29.000.000 |
| Russia..... | 1.600.000.000 | 68.000.000 |
| Austria..... | 1.140.000.000 | 31.000.000 |
| Italia..... | 1.000.000.000 | 24.000.000 |
| Prusia..... | 700.000.000 | 25.000.000 |
| Saxonia.... | 50.000.000 | 2.300.000 |
| Wurtemberg. | 36.000.000 | 2.300.000 |

Os resultados foram proclamados passado um momento.

— Senhor, disse o alumno que se encarregara da França, o contribuinte francez paga a media de sessenta e sete francos por cabeça.

— E isso mesmo.

— O inglez paga cincoenta e nove francos.

— O russo paga menos. Paga só vinte e quatro francos.

— O italiano, vinte oito francos e trinte e cinco centimos.

— E a Suissa. Paga só deseseis milhões de imposto.

— Talvez por ser um paiz mais pequeno?

— O prussiano, vinte e seis.

— O austriaco, trinta e seis e cincoenta.

— O saxonio, vinte e um.

— O wurtemberguez, vinte.

— O suiço, sete francos.

— Isto agora é outra cousa, exclamaram os rapazes, eis um paiz aonde os habitantes não são sobrecarregados pelo imposto. Deve ser um bom paiz, a Suissa!

— Sabeis a razão porque o imposto é tão pequeno na Suissa? Porém antes de tudo para que não formeis falsas idéas sobre este ponto, dir-vos-hei que o im-

posto não é exactamente distribuido como achamos. Uns pagam muito mais e outros menos, não conforme a fortuna de cada um, mas proporcionalmente á propriedade, terras e casas e conforme as cartas de officio.

— Ao que parece os habitantes d'esse paiz são menos gastadores que os de outro qualquer.

— Mas por isso não deixam de se fazer as despezas necessarias; e a prova é que é um dos paizes mais bem administrados e cultivados de toda a Europa. A excepção de dois ou tres pequenos cantões, aonde a instrucção está mais atrasada, corre-se todo o paiz sem encontrar um mendigo ou um quadro de miseria. Por toda a parte ha escolas gratuitas para a infancia; asylos de velhos e de enfermos; e o trabalho aqui, em geral, é pago muito melhor que em qualquer outra parte.

— Qual é pois o motivo, senhor, porque apesar de tudo isso pagam tão pouco? não o descobrimos.

— Pois eu, disse um dos estudantes, cujos olhos faiscavam de viveza, sei qual é o motivo: a Suissa é uma republica em quanto que a Inglaterra, a Russia, a Ita-

lia, a Saxonia, etc., são monarchias.

— Mas a França tambem tem uma republica, objectou um outro estudante.

— É verdade, disse Jacques, porém o governo francez até hoje de republicano só tem o nome; ainda não teve tempo de se consolidar, e isto porque o paiz não é dos que estão costumados á republica; á sua frente estão collocados partidarios da monarchia, aos quaes o povo confia o estado, sem os conhecer a fundo. Logo que a França tenha tempo de se organizar como a Suissa, aonde a republica dura ha quinhentos e cincoenta annos, mudarão as cousas completamente: a França não precisa de quinhentos e cincoenta annos, bastam-lhe apenas dez ou vinte para poder prosperar em competencia com a sua visinha; e isto porque é um grande paiz e porque possui um solo fertil, bom clima e uma população intelligente.

— Escutae-me, proseguiu Jacques, vamos ver agora, para fundar a demonstração, quanto se paga nas monarchias aos reis e imperadores só para as suas despesas annuaes; ao que se dá o nome de lista civil, — sem mettermos em conta os castellos, florestas e as varias especies de

propriedade, que rendem outro tanto.
Quem sabe isto?

—Sei eu, disse um dos estudantes, erguendo uma das mãos, está na minha geographia.

—A França, disse elle, pagava nos ultimos tempos.

FRANCOS

| | |
|-------------------------------------|------------|
| Ao imperador Napoleão III.. | 25.000.000 |
| A Inglaterra paga á sua rainha..... | 12.000.000 |
| A Austria ao seu imperador | 19.000.000 |
| A Russia ao seu imperador.. | 13.000.000 |
| A Prussia ao seu » | 13.000.000 |
| A Italia ao seu rei..... | 15.000.000 |

—E a Suissa? perguntou Jacques.

—Essa não tem rei!

—Comtudo tem homens encarregados do seu governo e como todo o trabalho deve ser remunerado e para que a eleição possa recair em qualquer homem de bem, quer seja pobre, quer seja rico, convem estabelecer-lhes certos honorarios. Porém estes homens não são maiores que os que podem advir a um individuo qualquer mui-

to instruído, do exercício de uma profissão liberal: tem cada um doze mil francos e como são sete, somma tudo oitenta e quatro mil francos, isto é a duodecima parte d'um só dos milhões, que os reis e imperadores recebem ás dezenas.

—Não ha duvida! grandes vantagens tira esse povo de regular por si mesmo os seus negocios! exclamou uma criança; é preciso que os outros sejam muito estúpidos para.....

Pozeram-se então a olhar uns para os outros, lembrando-se de que elles mesmos viviam ao presente n'uma monarchia e trocaram entre si olhares significativos. Jacques suspirou, sem tractar d'esconder o desgosto que experimentava com isto e proseguiu a lição,—porque era seu dever ensinar a verdade aos alumnos, e não occupal-os de cousas a que elles não podiam dar remedio,—proseguiu pois do seguinte modo:

Por ultimo, meus meninos, vamos acabar este exame notando que todos os estados monarchicos teem dividas avultadas; a de França anda por quatorze mil milhões, a de Inglaterra por treze mil, e a da Austria por nove mil.

—E a da Suissa? perguntaram a um tempo muitas crianças.

—A republica Suissa, essa, não deve nada. Pelo contrario tem excedentes de receita.

—Viva a Suissa? gritaram todas as crianças.

E depois com ares de malicia, com o dedo na bocca, accrescentaram á surdina: Viva a Republica!

É facil imaginar que Fouinard, Platin, Legros e o general Rrran de Craquenbom deviam estar a arrebenstar de coleira.

Dir-se-hia que um maligno acaso os trouxera á escola em tal occasião; porque n'este logar tratavam-se de ordinario cousas muito alheias dos interesses dos povos e da monarchia; todavia poucos são os assumptos em que a verdade não incomoda os que precisam de recorrer á fraude e á mentira para governarem os outros e ordenarem as cousas em proveito proprio.

—Vou já fazer um bom relatorio que haveis de assignar, disse Fouinard.

—Mestre e discipulos devem ser mandados para as galés! exclamou Platin.

— Vou confundil-os com a minha presença e fazer-lhes um discurso, disse Legros.

A colera de Rrran de Craquenbourn não se apaziguava com estes vagares: o general parecia que lhe faltava o ar dentro da golla; porém logo que a poudo desapertar, desembainhou a espada, entrou na aula, praguejando, carregando nos rr, produzindo o som de um tambor, e metteu tal medo ás crianças que saltaram todas pelas janellas, que felizmente eram ao rez-do-chão. Jacques tinha-se levantado do logar; cruzou os braços e poz-se a considerar este louco.

O general levantou a espada sobre a cabeça de Jacques, e sem duvida tinha-o mandado d'esta para a outra vida, por amor da ordem, se Platin, Legros e Fouinard, receiosos da opinião pública, não lhe tivessem sustido o braço, e se o não tivessem levado consigo.

No dia seguinte foi Jacques demittido das suas funcções. Foi substituido por dois homens de negro, que tornaram outra vez a ensinar ás crianças que as burras falavam, que os corvos levavam alimentos, que as aguas se podiam erguer ao alto,

que o sol girava em torno da terra, que o pau secco podia lançar flores, que as varinhas se tornavam em serpentes, que bastava mostrar varas metade brancas e metade pretas ás ovelhas para ellas parirem cordeiros malhados, e mil outras coisas mais ou menos extravagantes, seguidas de um sem numero de morticinios ordenados pelo bom Deus, e das vidas de santas creaturas que enchem o mundo de sangue, e que esmagam as cabeças de crianças de peito contra as pedras.

Quando os estudantes não recebiam as lições de muito boa vontade, obrigavam-os a estar de joelhos, batiam-lhe nos dedos, prendiam-os n'um calabouço ás escuras e diziam-lhes sem cessar que a obediencia era um dever, e que a razão não devia servir ao homem senão para elle não fazer uso d'ella.

D'esta data por diante, todos os habitantes de Malempis, a começar nos grandes e acabar nos pequenos, amaldiçoavam a monarchia e suspiravam pelo passado.

Comtudo sobreveiu um acontecimento que ganhou a adhesão de muitos dos muitos que ainda possuíam alguma coisa e que não tinham sido expoliados de to-

dos pelo recebedor Grosrain e pelo banqueiro Grangoulu, cada um por sua parte. Conceberam todos a esperança de fazer uma fortuna e do modo seguinte:— Um dia o banqueiro Grangoulu annunciou ao som de trombeta e por meio de numerosos cartazes, que tinha entre mãos um negocio soberbo, uma empresa magnifica uma cousa como jámais se vira. Tratava-se de umas minas de prata muito ricas, descobertas ha pouco no reino, que tinham sido compradas por uma companhia de que elle Granguêlu, era o agente. Tratava-se de as explorar para o que eram necessarios ao principio alguns capitaes; passado algum tempo todos os que tivessem tomado parte na empresa não teriam senão o trabalho de se abaixarem para terem dinheiro á vontade.

«Duvidaes, senhores? Pois bem, seja, tendes rasão: nos negocios toda a cautela é pouca e quando se larga o dinheiro que custou, a juntar, deve ser com pleno conhecimento do que se vae fazer. Pois bem, senhores, vou nomear-vos o vosso conselho administrativo, que é, como ides ver, a flor do reino: o senhor chanceller Du Grande Lemonceau de la Trufardiè.

re, o grã-cruz da Cavallaria da Industria, o almirante Croquelard, o duque de la Félonniere, illustre administrador de tantas redes de vias-ferreas, Crocheux, o eminente engenheiro Macario, Trentin-Catinard, par do reino... Eis os nomes de alguns, senhores, que nomes! até pelo maior numero todos toem dois nomes. Por ventura terieis o direito de exigir personagens de mais consideração e garantias ainda maiores? Seria possivel tal cousa? Por conseguinte que todas as pessoas, que possam dispor de quinhentos francos, se apressem a vir trocal-os por estas acções impagaveis, cujo rendimento deve exceder todos os lucros conhecidos até hoje. E quanto antes! porque não passam de quinhentas mil, e os membros do conselho administrativo já tomaram para si aquellas que os seus meios lhes permittiram!

«Por um generoso e tocante designio da administração decidiu-se,—com o fito de não privar os pobres dos lucros d'uma tal empreza,—que poderão associarem-se cinco ou dez pessoas para comprarem uma acção; porque desejamos, movidos pelo nosso amor á publica utilidade, que

todos participem, e sobretudo os nossos bons e fieis annexados, habitantes de Malenpis, da chuva d'ouro que em breve fecundará as nossas infelizes provincias.»

Foi grande o effeito. Ficou toda a gente sem saber de si. Visto que figuravam na empreza personagens tão illustres, taes como, chancelleres, duques, marquezes e cavalleiros é porque o negocio era seguro e porque não havia rasão de conceber a mais leve suspeita. Nomes de aquelles! Pessoas de tanta consideração! Todos que poderam dispor de dinheiro levaram-n'o a Grangoulu.. Pingrelet comprou acções no valor de vinte cinco mil francos, para o que, posso affirmal-o, teve de os pedir emprestados, pois que toda a sua fortuna consistia em terras; porem não era isto muito melhor que regeitar os milhões, que se lhe offereciam? Era preciso não ser muito avisado para não fazer o mesmo. Por conseguinte pediu vinte cinco mil francos a Grangoulu sobre boa hypotheca, quantia que devia restituir logo que recebesse o primeiro dinheiro das acções (ao pé do que estas haviam de produzir, era apenas uma ninharia).

Gobe-La pela sua parte não se podia

consular; Deus omnipotente! O que! pois o ser necessitado será razão para nunca passar d'este estado!!! Uma ocasião tão boa, agora, de fazer fortuna, sem perigo algum!—Quasi que chegava a arrancar os cabellos. Tanto gritou e tanto fez, que por fim achou nove associados, que depois de muito vasculharem as algibeiras, entraram com elle na compra de duas acções, no que se consumiram as suas minguadas economias e até alguma coisa mais, porque uns tiveram de vender a lenha do proximo inverno e outros o trigo de todo o anno; mas emfim! seria pouco tudo quanto se fizesse; para ser rico um dia vale bem a pena de jejuar algum tempo; depois do que virá a boa vida. Por conseguinte a todos os individuos que esperavam vir a ser ricos por este modo, graças ás companhias do regimen monarchico e graças aos duques, chancelleres e a Grangoulu bastou esta esperança para lhes amansar os rancores e a repugnancia, mas não para os extinguir; disseram de si para si que uma situação que lhes promettia riquezas não podia ser má e por isso aconselharam os outros a que fossem prudentes.

Comtudo não cessavam de surgir novos motivos de queixa. Hade o leitor lembrar-se de que uma certa Linette desapareceu por espaço d'uma noite inteira, em seguida ao baile dado pelo principe.

Nove mezes depois, esta Linette dava á luz um bastardo real. Não pararam as cousas aqui: alguns dias depois nasceu outro; depois ainda outro. Todas as mães accusam o principe de as ter desgraçado. Accrescente-se a isto que os soldados não tendo outra cousa que fazer, porque passavam todo o tempo de braços caídos, seguiam, quanto lhes era possivel, o exemplo da principe, convencidos de que não poderiam encontrar um modelo mais distincto. Sem duvida as raparigas, que perdiam a cabeça á vista dos penachos, tinham parte da culpa, porém esta era muito maior da parte dos seductores que promettiam mundos e fundos e não cumpriam depois as promessas. No fim do primeiro anno, o numero das creanças, existentes no asylo dos orphãos, cresceu de vinte cinco.

Era bom ouvir a tia Bonseus! Continuou a ser carinhosa com as infelizes creanças; comtudo a boa da mulher, nem

pintados podia ver os soldados do rei Bombance e tinha estigmatisado de tal modo o seu vil proceder, que assim que a viam ao longe, tratavam logo de metter pernas ao caminho. Emquanto ao principe tambem lhe não escapava.

Custa a crer que ella não fosse demittida; porém era uma directora tão boa que seria difficil achar quem a substituisse.

Foi preciso triplicar e quadriplicar as rendas do asylo para prover a estas despesas, pelo que se reuniu a Junta Commercial. Todas as attribuições da junta reduziam-se ao presente a votar fundos; não passavam d'aqui os seus poderes e não lhe pediam outra cousa. Em logar de cuidar como outr'ora de todos os negocios da communa, como era muito natural, porque eram negocios seus e não do rei, precisava por causa de uma construcção d'um lanço de estrada da escola, d'um negocio da camara, d'um ninharia emfim, qualquer cousa que quizesse fazer, precisava referir-se ao prefeito e aos ministros do rei Bobance, que entre si resolviam estas cousas provavelmente

pela unica rasão de não terem conhecimento d'ellas.

Soube-se de um momento para o outro que tinha sido declarada a guerra entre o rei e o imperador. — Que motivos havia? perguntava toda a gente.

— Não era possível responder-lhe, porque nada se sabia. O que todavia é certo é que d'um e d'outro lado os dois monarchas chamavam os respectivos subditos para vingarem a sua honra pelo ferro e pelo fogo e que cada um d'elles nutria esperanças de que o seu valente povo, o mais valente de todos os povos, sem haver duvida alguma, não regatearia o sangue por uma tão bella causa.

A communa de Mallenpis estava engravada exactamente entre os Estados do rei, e do imperador. N'outro tempo faziam um desvio para respeitarem a sua neutralidade; hoje porém que a communa fazia parte dos Estados do rei Bombance, tanto as tropas do rei como as do imperador precipitaram-se com toda a liberdade sobre o seu territorio e espalharam a desordem por todo elle. Nem uma só pinga de vinho ficou nas adegas, nem um legume nos campos e nem uma só

arvore nos jardins. A maior parte das casas ficou esboracada e desmoronada por effeito das balas; o gado serviu todo para alimentar, os soldados, e os cavallos foram arrebatados. Alguns campos ficaram de tal modo calcados que a charrua não podia depois entrar com elles. Tal era a sua dureza, semelhante á de uma pedra e outros receberam tantos corpos e tanto sangue humano, que o camponez cheio de terror não se atreveu por muito tempo a deitar-lhes a semente do pão.

Durou isto cinco mezes, e passados elles, tendo morrido de ambos os lados duzentos mil homens, tendo sido consumido muitos centos de milhões em colheitas e trabalhos, e tendo-se applicado outrotanto ás despezas da guerra, foi finalmente celebrada a paz; para o pagamento das despezas, subiu o imposto de metade em Malenpis.

Com franqueza não faltava vontade aos habitantes de Malenpis, de torcerem o pescoço, por suas proprias mãos, ao rei Bombance, ao imperador principe, generaes, ministros, emfim a todo o acompanhamento de governantes. Davam quasi em doidos, enraiveciam com ataques de

colera e de indignação. Não se ouvia entre elles senão este estribilho :

— Ah ! que se estivessemos agora no principio !...

Que era feito de Claudio Pataud, d'al-cunha Gobe-La ? de Grouillard ? e de Boissansoif ? emfim que era feito de todos que tanto tinham trabalhado pelo rei Bombance ?

Boissansoif tinha morrido á fome; Grouillard não se atrevia a levantar a cabeça e não era dos ultimos em amaldiçoar os reis; o infeliz Gobe-La, esse foi vitima de uma bala.

Por este tempo Léveillé, o mesmo que fôra condemnado, como o leitores abe, por ter rasgado a folha da contribuição, e que terminara o tempo de castigo nas prisões do reino, voltou á terra. Seu pae, carregado de annos, tinha morrido na miseria, sua mulher, tambem no mesmo estado, pouco tempo tinha a viver e seus filhos tinham que mendigar uma codea de pão.

O mesmo succedera a muitas outras familias, que até então e por meio do trabalho tinham uma vida abastada. Não tinha conta o numero das mães car-

regadas de lucto. Léveillé foi então interrogado por muitas pessoas.

—Dizei-nos, vós, que haveis residido no reino, como podem os seus habitantes levar a estupidez ao ponto de se conservarem sob a sujeição de um rei? A nossa infelicidade é de algum modo culpa d'elles. Vimos ao pé de casa um grande povo, milhões de almas submettidas a uma monarchia; quem poderia suspeitar o tanto que esta tem de mau á vista d'isto?

—Eis sem tirar nem pôr a pergunta que eu mesmo lhes fiz, respondeu Léveillé. Porem por isso mesmo que elles são tão estúpidos que se deixam governar por um rei, não saberiam dar-me a razão do seu proceder, se eu lh'a tivesse feito durante a minha jornada. A razão, soube-a graças a alguns homens de talento que se acharam na minha companhia; nas monarchias succede muitas vezes metterem as pessoas de talento nas prisões, de mistura com os criminosos, só por ellas verem aonde está o mal e quererem ensinál-o á outra gente. Foi uma d'estas pessoas que me disse:

—Meu charo, quando os povos estão

sujeitos, como o nosso está, ao regimen monarchico, ha muitos seculos, habituam-se de tal modo a serem opprimidos e miseraveis, que não sentem tanto ao vivo a sua desgraça, ou pelo menos ficam incapazes de imaginar o meio de passar a uma situação melhor.

Faz isto lembrar um burro que á força de levar bordoadas, fica com a pelle caldejada e acaba por não sentir o pau em cima das costas. Conheço um povo que quiz experimentar a forma republicana e que a abandonou, passados um ou dois annos, por que os governantes da sua eleição, não eram bons e porque a situação não melhorou logo de um instante para o outro. Que quereis? Não é possível uma pessoa andar ás apalpadellas n'um ponto qualquer e obrar ao mesmo tempo com discernimento. O que ninguem pode negar é que nunca se vê um Estado habituado á Republica de longa data, como a Suissa e os Estados-Unidos, tomar a resolução de eleger um rei ou um imperador. Nunca em parte alguma, desculpe-me a franquesa, houve gente capaz do fazer uma tolice de tal ordem, senão em Malempis.

—Tinha razão ! exclamaram os desgraçados, tinha razão ! Por muito que se diga a nosso respeito sempre será menos do que o nós mesmo pensamos. Porem hoje eis-nos manietados e rodeados de soldados e policias, com a missão de manterem o socego e fazerem fogo sobre nós, que havemos pois de fazer ?

—Que havemos pois de fazer ? repetiam elles sem cessar e com assento de desespero.

—O que é preciso é ver-mos se achamos uma saída, disse Lavisé de si para si, e foi ter com Francisquinha.

Porem primeiro que tudo vamos ver qual o estado das cousas por este lado. Emquanto durou a guerra, Pingrelet mudou de ares para o pé do mar, na companhia de sua mulher e de sua filha. O mesmo fez Grosgain e seu filho Tropic d'Un que já tinha passado ha muito tempo a idade do alistamento. O mesmo exemplo seguiram todos os que eram bastante ricos para poderem fugir, deixando os infelizes expostos aos males da guerra e todavia aquelles é que os tinham atraído sobre o paiz.

Perto ou longe Francisquinha conser-

vava-se constante ao seu querido Jacques, e se tinha sempre ao pé Trop-d'Un e mortifical-a, comtudo estava livre do principe. Partira para a guerra com a patente de general, apesar de não ter nada de militar, e os seus augustos disparates custaram muitas batalhas perdidas e a vida de dezenas de milhares d'homens, mortos a mais dos que o teriam sido se não fosse elle. Entretanto os jornaes do governo gabaram a sua bravura. É verdade que tambem os jornaes da opposição despediram algumas zombarias! sobre o grande numero de carros da comitiva do principe, aonde iam, alem de algumas damas da côrte, uma enorme quantidade de perfumarias, de golodices e de cosinheiros.

Porem o povo não lê estes jornaes, que afora isso são prohibidos quando dizem a verdade; d'este modo o povo só vem a saber aquillo que os reis querem que elle saiba.

Pingrelet, Gros-gain e suas familias voltaram pois á sua terra, concluidas as hostilidades e ficaram muito penalizados á vista das suas propriedades devastadas de cuja reparação se occuparam. Tinham

até pedido indemnisações e tratava-se de estabelecer para este fim novos impostos; a difficuldade porem era saber em que se havia de lançar: o vinho, a carne, o azeite, a farinha os fósforos, o sal e a terra estavam já sujeitos a impostos. Todavia não era possível abandonar estes ricos afflictos a braços com a miseria, pelo que se poz a estudo um projecto para lançar um imposto sobre o ar que entrava pelas janellas e sobre o fumo que saia pelas chaminés.

Porem se o principe Parfait por causa da guerra deixara de ver Francisquinha, comtudo não a perdera de memoria; isto não quer diser que sentisse por ella um verdadeiro amor e a prova é que levava uma vida desregrada; a verdade é que o aguilhoava a resistencia d'aquella ingenua menina, de mais a mais tão formosa.

Por este motivo voltara a Malempis pouco depois do regresso da familia Pingrelet e hospedara-se, segundo o seu costume, em casa de Legros, cuja propriedade fora respeitada pelo inimigo.—Será bom observar que os principaes de todas as nações nunca fazem mal uns aos outros e nunca deixam de praticar entre si

a cortezia, mesmo durante a guerra. O general inimigo tinha sido alojado por Legros, que muito bem o recebeu, por isso nem uma só arvore nem uma só pedra do castello recebeu um leve damno.

Correndo as cousas d'este modo Lavisé procurou Francisquinha, n'uma ausencia de Pingrelet. Conversaram por largo espaço e ao deixar o tio Lavisé, ouviria qualquer, Francisquinha dizer-lhe com as suas maneiras affaveis e ingenuas:

—Porem como hei-de eu pregar uma tal mentira ?

—Minha fil'ha, respondeu Lavisé, caímos no atoleiro e precisamos sair d'aqui. Por ventura dão-nos elles verdade? Á noite o principe foi visitar Francisquinha e como lhe dissesse pela centessima vez:

—Oh ! formosa Francisquinha ! quando tereis dó de mim ? a rapariga em vez de responder, como respondia sempre:—Nunca ! soltou um profundo suspiro. O principe ficou satisfeito, apertou com ella e então Francisquinha disse:

—Como heide eu amar-vos se as mães e as noivas do meu paiz vivem mergulhadas na tristeza por vossa causa?

— Pois eu fiz-lhe alguma coisa? perguntou o principe.

— Porventura não lhe conservais os filhos e os noivos muito longe d'estes sitios? Chega a ponto de me terem zanga por vos falar a sós; outro dia disseram-me na cara que eu era a causa da sua desgraça, o que me deu um grande desgosto!

— Não façaes caso d'essas tolas, formosa Francisquinha: consenti em desposar Trop-d'Un e ide viver na corte.

Francisquinha suspirou mais uma vez, deixou-se roubar um beijo e disse depois:

— Prometta-me pelo menos uma coisa....

— Prometto já! exclamou o principe transportado.

— Quero que as minhas patricias me perdoem. Substitui os vossos soldados pelos nossos rapazes. Visto que Malenpis precisa uma guarnição podem elles servir ao effeito e todos ficarão satisfeitos.

— Os inconvenientes são muitos disse o principe um pouco serio.

— Promettestes! por ventura faltareis á palavra?

—Não, mas...

—O que vejo é que me não ama!...

O príncipe estava muito enamorado para não fazer tudo quanto Francisquinha lhe exigia; por este motivo não faltou á sua palavra, apesar das observações de Legros. Além do que poder-se-hia por ventura recear uma sublevação d'este pequeno paiz, no estado de decadencia em que elle se achava? Em virtude d'isto foram chamados os mancebos de Malenpis para substituirem os soldados do reino, substituição que teve logar um dia antes dos desposorios de Francisquinha e Trop-d'Un: já se vê que Francisquinha tambem cumpria a sua promessa; até este momento a mãe d'ella a seu rogo não a deixara um instante só. Os jovens soldados foram recebidos com festejos e cada uma das mães ao abraçar seu filho segredou-lhe algumas palavras ao ouvido. No dia seguinte, dia do casameuto, realisou-se o acto com grande pompa e houve excellente musica. Era o príncipe quem dava a mão á noiva, vestida de branco e muito pallida. Em seguida vinha Trop-d'Un de braço-dado com a mãe e com a grã-cruz do Coucou Royal pen-

durada ao pescoço. Toda a gente assomou ás portas e a nova guarnição de Malempis com as espingardas muito limpas, formava filas no caminho do cortejo. Entrados na mairie, não tardou muito que o maire, que era Baisetout e que fora nomeado pelo rei e não pela communa, não perguntasse a Francisquinha se de livre vontade aceitava por marido João Grosgain, alcunhado Trop-d'Un. Ouviu-se no meio do silencio a resposta de Francisquinha, dada com uma voz suave e clara:— Não!

O espanto foi geral. O principe, Trop-d'Un, Grosgain e Baisetout ficaram perturbados, e Pingrelet lançou-se sobre a filha para a maltratar, exactamente no momento em que a infeliz criança parecia desfallecer. Encontrou porém no caminho o punho da tia Bonsens que o fez recuar dez passos e n'este tempo a boa mulher com a ajuda de Lavisé escondeu Francisquinha por traz da banca do maire; porquanto ao tempo que isto tinha logar armava-se no recinto um grande tumulo.

Os rapazes de Malempis, armados com as suas espingardas, entraram na sala gritando:

—Abaixo as monarchias! Viva a paz!
Viva a liberdade!

Ficou então plenamente provado que nem todos os principes são bravos, como pretendem os jornaes monarchicos; pois que o principe Parfait só tratou de se metter na massa do povo para fugir quanto antes, atraz d'elle e mesmo antes, sem respeito pela etiqueta tambem se escapuliram Platin, Baisetout, Fouinard, Legros e outros individuos da corte.

Ninguem lhes estorvou a passagem; chegados porém á porta de saida, deram com outro batalhão na sua frente: eram as mulheres de Malempis, que armadas de yassouras e a um tempo, como se tivessem tido exercicios, lhes sacudiram o pó das costas e das suas dependencias. Bem podiam elles correr, que as mulheres tambem sabiam dar aos calcanhares e tinham de reserva antigas coleras, que lhes avigoravam as pernas e os braços. D'este modo foram conduzidos até aos limites da communa, podendo affirmar-se que nunca em tempo algum foi melhor açoutada uma real magestade e que nunca individuos da corte apanharam uma sova tão boa.

Muito bem. Porém os reis podem vingar-se; que irá pois succeder á infeliz communa de Malempis? A todo a momento esperava ver chegar o principe Parfait á frente d'um regimento. Os desgraçados habitantes estavam porém tão atemorizados do governo real, que declararam que preferiam morrer a viver por mais tempo debaixo d'elle; levantaram intrincheiramentos e prepararam-se para a defeza.

Porém felizmente para elles, ao mesmo tempo que expulsavam o principe Parfait morria o rei Bombace, victima d'uma indigestão.

O principe correu logo á capital para se fazer acclamar; foi porém tratado quasi do mesmo modo como o fôra ha pouco em Malempis, porque depois da morte do rei tinha sido proclamada a Republica.

Foi isto ha dois ou tres annos e já os Baisetout, os Platin. os Fouinard e os Grangoulu do antigo reino, fallam n'uma restauração monarchica:—Atrevam-se elles a ir prégar estas idéas em Malempis! Esta desgraçada communa começa a levantar-se. Melhora as suas instituições. Decretou por exemplo que a junta com-

munal fosse para o futuro nomeada todos os annos, para que no caso d'alguns dos eleitos não cumprirem os seus deveres, não durasse muito tempo a sua acção perniciosa. Estatuiu-se até que se procederia a novas eleições no decurso do anno, no caso de um certo numero de cidadãos descontentes, não sei qual, o pedirem publicamente. Apoz tanta desgraça todos se entendem melhor e s'estimam muito mais; todos procuram o bem com maior sinceridade, e em breve a communa de Malmepis poderá outra vez tomar o nome de Bien-Heureuse, que tinha perdido!

Uma das cousas que d'um modo mais proficuo concorrem para o bem estar e prosperidade de este pequeno paiz é a escola sob a direcção de Jacques e de sua esposa Francisquinha. Posso affirmar-vos que os rapazes e raparigas educados por elles não virão a ser um dia como Gobe-La. Saberão tudo quanto lhes for preciso para comprehenderem os proprios interesses, para cultivarem as suas terras cada vez melhor, e ao mesmo tempo conhecerão o essencial de tudo quanto se passa no mundo e na natureza. Serão ao mesmo tempo instruidos e bons trabalhado-

res, honrados e verdadeiros homens, vivendo pelo espirito assim como pelo corpo e aos quaes não será muito facil fazer acreditar qualquer cousa de leve.

Não será precisa a assistencia d'um principe Parfait, d'um Bombance, d'um Ruan de Craquenboum, d'um Fouinard, d'um Grangoulu e d'outros da mesma laia!

O leitor tem talvez curiosidade de saber o que foi feito das minas de Crangoulu e o motivo porque Pingrelet consentiu no casamento de sua filha com Jacques.

As minas de prata da Sociedade Grangoulu e C.^a eram um d'esses gracejos de mau gosto, que não passam d'um roubo em ponto grande. Estas especulações são frequentes no regimen monarchico, porque os marquezes de la Truffardiére, os Grão-cruzes, os Macarios, etc., etc., que as auxiliam com os seus nomes para chamarem os tolos e para apanharem uma rasca na assadura, são quasi sempre sustentaculos e amigos do governo, que os deixa empalmar o dinheiro dos desgraçados sem trabalho nenhum. As minas de prata que deviam enriquecer quinhentos mil accionistas e que tinham custado mi-

lhões a estes não chegavam ao valor de cem mil francos. Pingrelet e Grosgain ficaram arruinados, ou pouco menos, e muitos outros tiveram igual sorte; reduzidos d'este modo á pobreza e esmagados debaixo da vergonha de ter sustentado a monarchia, Pingrelet considerou-se muito feliz de achar um genro como Jacques, estimado e honrado em toda a parte.

Depois de tudo o que se passou e depois de cada um ver retirarem-se um rei e um principe levando comsigo os maus costumes, o roubo e a guerra, não ha ao presente ninguem em Bien-Heureuse que não saiba que a verdadeira riqueza consiste no trabalho e que a felicidade e a verdadeira ordem não podem existir senão aonde existe a liberdade.

FIM.

RECENTES PUBLICAÇÕES

- I — Py y Margall: O Christianismo e a Razão (esgotado)..... 1
- II e III — G. Lemoanier: Os Estados Unidos da Europa, tradução de Magalhães de Lima, 3 vol..... 1
- Proudhon: Do Principio do Federaçào, 1 vol. de 180 pag..... 2
- Fernando Garrido: La Rebelion Carlista, La Religion Católica y La República Federal en España..... 1
- Systema de Governo Republicano Federal, ao alance do povo..... 1
- Consiglieri Pedrono: Um brudo contra a pena de morte..... 1
- A. Nemorino: A Conquista da Cruz, episodio heroico-comico da temerosa..... 2
- Almanach Republicano para 1875, contendo Tabellas, calendario-historico, revolucionario e scientifico; artigos de Victor Hugo, Ramon de Cala, Felix Piat, J. Michelet, F. Domay, E. Loeroy, T. Braga, etc., etc..... 12
- Garibaldi: O Imperio dos Padres, com o retrato)..... 50
- Paulo Féval: O Capitão Phantasma, um grosso volume..... 60
- Roque Barcin: *A blusa cõr de café* — Episodio da vida de Fulton, o inventor dos navios a vapor..... 4
- A. S. Morin: O que é a confissão..... 12

Vendem-se nas livrarias, e na rua do Arsenal, n.º 96 — Livraria Internacional.

